



Boletim Agropecuário

Nº 147, ago./2025



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Carlos Chiodini

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 147, ago./2025

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel



Florianópolis
2025

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina C. A. Berns

Bruna Parente Porto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Gilberto Luiz Curti

Julio Cesar Melim

Nilsa Luzzi

Sandro Secco

Valdenize Pianaro

Valmir Kretshmer

Yasmin Metzler

Diagramação: Sidaura Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: ago/2025 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

Este documento tem como objetivo apresentar, de forma concisa, as principais informações conjunturais relacionadas ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados dos produtos selecionados.

O **Boletim Agropecuário** reúne dados atualizados referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias, proporcionando uma visão dinâmica e ágil do cenário agropecuário. Em situações específicas, a publicação poderá incluir séries históricas mais extensas ou análises pontuais sobre eventos relevantes.

Além das informações segmentadas por produto, este boletim também poderá trazer textos analíticos sobre temas conjunturais pertinentes, destacando aspectos que vão além das tendências de mercado e que possam contribuir para uma compreensão mais ampla do setor.

Nossa proposta é que o **Boletim Agropecuário** seja uma ferramenta estratégica para o produtor rural, auxiliando na identificação de oportunidades de negócios e no fortalecimento de sua competitividade. Ao oferecer informações qualificadas e análises contextualizadas, buscamos aprimorar a relação entre o agricultor e o mercado, impulsionando o desenvolvimento sustentável da agricultura catarinense.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri



Sumário

Grãos	7
Hortaliças	24
Pecuária	31



Grãos

Feijão	8
Milho	12
Soja	17
Trigo	20



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, o preço médio mensal recebido pelos produtores de feijão-carioca em julho teve variação negativa de 8,42%, fechando o mês em R\$145,39/sc 60kg. Para o feijão-preto, houve redução de 0,14%, fechando o mês em R\$124,45/sc 60kg. Na comparação com julho de 2024, com preços corrigido pelo IGP-DI, o preço médio da saca de feijão-preto está 14,19% mais baixo.

Tabela 1. Feijão – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

	jun/25 (R\$)	jul/25 (R\$)	Variação mensal (%)	jul/24 (R\$)	Variação anual (%)
Feijão - Carioca					
Santa Catarina	158,76	145,39	-8,42	169,44	-14,19
Bahia	213,61	188,04	-11,97	219,13	-14,19
Goiás	221,69	192,62	-13,11	233,15	-17,38
Minas Gerais	234,46	209,77	-10,53	291,68	-28,08
Paraná	191,76	160,11	-16,50	199,19	-19,62
São Paulo	216,11	207,81	-3,84	233,75	-11,10
Feijão - Preto					
Santa Catarina	124,62	124,45	-0,14	226,75	-45,12
Paraná	128,77	120,12	-6,72	235,02	-48,89
Rio Grande do Sul	120,24	117,38	-2,38	242,87	-51,67

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), agosto/2025

Nos nove primeiros dias de agosto, é possível verificar uma permanência da tendência de queda nos preços recebidos pelos produtores de feijão preto. Contudo, para os produtores de feijão-carioca, percebe-se uma leve tendência de elevação em relação ao preço médio do mês de julho.

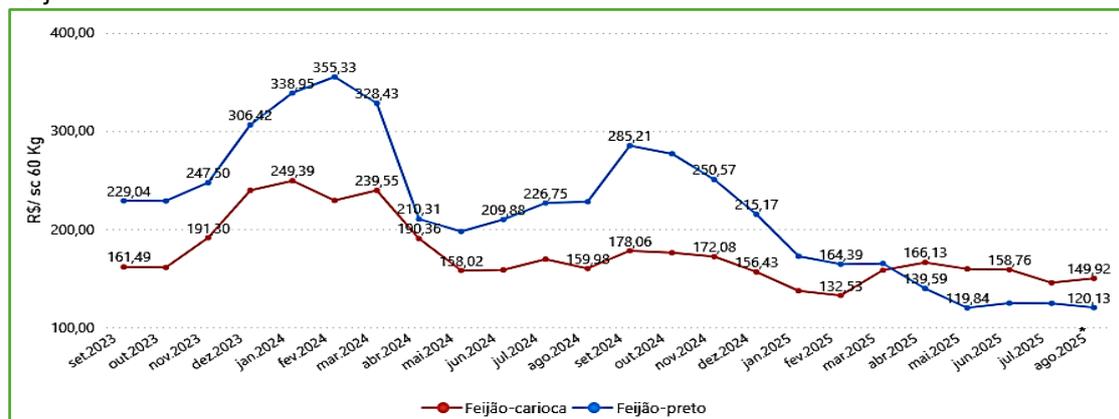


Figura 1. Feijão – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês. Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



O comportamento sazonal dos preços do feijão já é conhecido pelos agentes que atuam no mercado dessa leguminosa. No mês de julho, com a chegada das feiras escolares, normalmente o consumo de feijão cai, com isso, a oferta aumenta e os preços normalmente se retraem. Somam-se a isso, as boas condições climáticas para o seu cultivo nessa temporada, que nos permitiu colher uma safra muito produtiva, com um significativo aumento da oferta. Como o tempo de guarda do feijão é relativamente curto, pois o produto perde qualidade durante a armazenagem prolongada, os produtores acabam tendo que comercializar sua produção em momentos de grande oferta e, muitas vezes, a preços reduzidos. Uma das alternativas para o setor é a possibilidade de armazenamento do produto colhido em câmaras frias, onde o produto poderia ser estocado sem o risco de perder qualidade. Nesse caso, os produtores poderiam ir ao mercado no segundo semestre em diante, quando a oferta de produto tende a ser menor com o final da colheita da segunda safra nacional.

Por outro lado, nos últimos anos, tem crescido fortemente as discussões entre entidades públicas e privadas sobre a necessidade de prospecção e formalização de acordos de comércio internacional que permitam dinamizar as exportações de feijões. Na medida que diminuimos a oferta no mercado interno, existe a possibilidade de uma melhora dos preços recebidos pelos produtores. O comércio internacional de feijões vem crescendo gradativamente, sobretudo por se tratar de um produto com forte apelo econômico e social, pois se trata de uma fonte de proteína mais acessível, quando comparadas às proteínas de origem animal. Outro aspecto importante, é que o feijão se constitui num produto altamente nutritivo e que se ajusta muito bem a dietas mais saudáveis. Por tudo isso, o feijão tem chamado a atenção de muitos mercados consumidores, com boas expectativas de acordos comerciais vantajosos para produtores e consumidores.

Ao analisarmos os dados das exportações brasileiras de feijões, podemos verificar que, entre 2023 e 2024, o volume exportado do produto cresceu 147,3%. Já nos sete primeiros meses desse ano, foram comercializados internacionalmente cerca de 219,0 mil toneladas de feijões, contra 123,9 mil toneladas no mesmo período de 2024, ou seja, um incremento de 76,8% no período. Nos dois últimos anos, o mês de julho se destaca com um período de forte movimentação de produto em direção aos portos. Podemos observar ainda que, nos últimos três anos, o volume exportado cresce fortemente no segundo semestre, o que nos leva a concluir que em 2025, deveremos ter novamente um recorde nas exportações brasileiras de feijões.

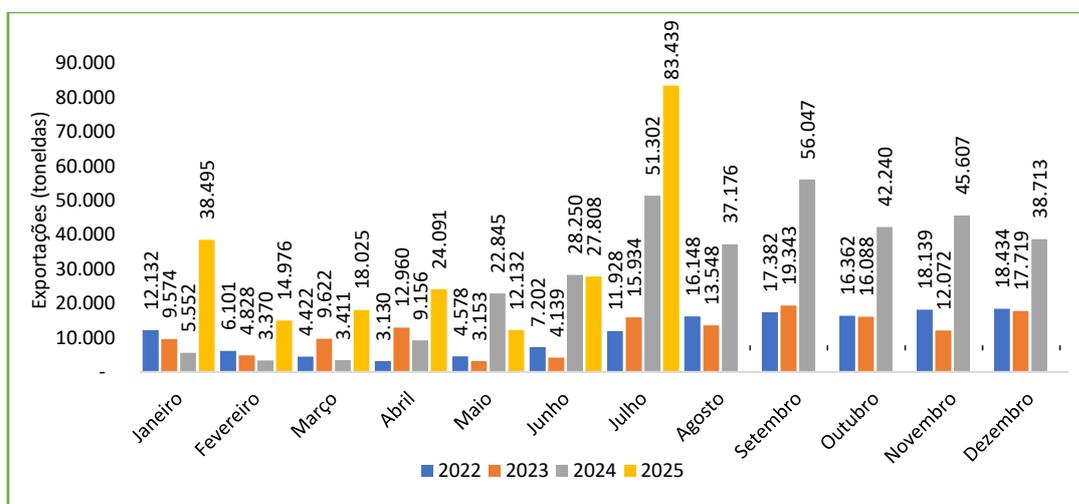


Figura 2. Feijão – BR: evolução das exportações brasileiras de feijões – (jan./2022 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat, agosto/2025



Ao contrário do feijão-carioca, com pouca aceitação no mercado internacional, o feijão-preto, que é produzido em quase todos os estados brasileiros, vem ganhando espaço nas exportações. Em 2024, o comércio internacional desse tipo de feijão saltou de 8 mil toneladas, para 91 mil toneladas, um crescimento bastante importante, e a expectativa é de um crescimento ainda maior neste ano. Principal matéria-prima da tradicional feijoada brasileira, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lideram a produção e o consumo dessa variedade. Já o feijão-cupi e o feijão-mungo, por sua vez, são produtos com grande aceitação pelo mercado exportador e com produção concentradas nas regiões Nordeste e Centro Oeste.

O aumento do interesse desse produto certamente contribui para que as regiões produtoras de feijão-preto, permitindo que se vislumbre a possibilidade do surgimento de arranjos produtos que viabilizem a sua comercialização para além das fronteiras do território brasileiro. A criação de um fluxo contínuo de exportação, permite aos produtores planejarem com segurança suas produções, além de garantir certa estabilidade nos preços recebidos, já que os contratos internacionais normalmente são fixados em dólar, moeda mais estável e que garante uma boa previsibilidade aos produtores e exportadores, aspecto importante, quer traz segurança a quem produz.

Tabela 2. Feijão – BR: principais tipos de feijões exportados – jan./2022 a jul./2025

Tipo feijão	Exportação (toneladas)			
	2022	2023	2024	2025
Feijão-mungo	45.539	29.939	92.511	103.289
Feijões comuns (preto)	4.145	8.083	91.128	46.581
Feijão-fradinho	46.354	53.566	88.671	37.387
Demais feijões	39.920	47.392	71.360	31.710
Total	135.958	138.980	343.670	218.967

Nota: adaptado pelo autor.

Fonte: Comex Stat, agosto/2025

Safra Nacional

Segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a área plantada da safra brasileira de feijão 2024/25 sofreu uma redução de 3,6% em relação à safra 2023/24, chegando a 2,75 milhões de hectares. O cultivo de feijão vem sistematicamente perdendo área para lavouras de soja e milho que têm apresentado maior rentabilidade e estabilidade de preços. A produtividade média das lavouras, por outro lado, aumentou 2,3%, alcançando 1.145kg/ha. Como resultado, tivemos uma redução de 1,3% na produção total, chegando a 3,15 milhões de toneladas.

Safra catarinense

Em Santa Catarina, a produção de feijão é composta por duas safras: feijão primeira safra e feijão segunda safra. Dois tipos de feijão predominam nos cultivos catarinenses, o feijão-carioca e o feijão-preto. O Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) estabelece as datas ou períodos de plantio/semeadura por cultura e por município, levando em consideração o clima, o tipo de solo e o ciclo da cultura, de forma a minimizando as perdas agrícolas. Em nosso estado, a janela de plantio para o feijão primeira safra vai de agosto a dezembro e, para o feijão segunda safra, de janeiro a março.



A cada ano, o cultivo do feijão primeira safra vem perdendo espaço no estado. Muitos produtores têm migrado para o cultivo de milho e soja na primeira janela de plantio (primeira safra) para culturas de verão, deixando a decisão de plantar feijão no segundo período (segunda safra) a decisão de plantar feijão, o que tem elevado a área do plantio dessa safra. Na safra 2024/25, o feijão primeira safra respondeu por 51% da área plantada estadual, enquanto a segunda safra, respondeu por 49% do total da área plantada.

Feijão total

Em feijão total, que é soma do feijão primeira e segunda safras, o resultado foi positivo. O bom desempenho da primeira safra compensou com sobras a redução de área e produção da segunda safra. Com isso, ao final desse ano agrícola, a safra catarinense de feijão chegou a 129 mil toneladas, volume que representa um incremento de 14% em relação ao ano anterior.

Tabela 3. Feijão Total – Comparativo de safras

Microrregião	Safras 2023/24			Estimativa safra 2024/25				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	629	1.102	693	643	1.159	745	0,58	2,23	5,23	7,57
Blumenau	119	1.254	149	117	1.264	148	0,11	-1,68	0,82	-0,87
Campos de Lages	6.130	1.912	11.722	6.185	1.677	10.370	8,04	0,90	-12,32	-11,54
Canoinhas	10.111	1.566	15.837	10.660	1.806	19.252	14,92	5,43	15,30	21,56
Chapecó	6.090	1.980	12.060	10.022	2.152	21.563	16,71	64,56	8,65	78,80
Concórdia	305	704	215	305	1.236	377	0,29	0,00	75,51	75,51
Criciúma	1.508	1.134	1.711	1.416	1.256	1.778	1,38	-6,10	10,72	3,97
Curitibanos	2.680	1.977	5.300	3.520	2.288	8.055	6,24	31,34	15,72	51,99
Florianópolis	-	-	-	150	1.200	180	0,14	-	-	-
Ituporanga	1.715	1.013	1.738	1.460	1.501	2.191	1,70	-14,87	48,11	26,08
Joaçaba	2.640	2.191	5.784	2.640	2.579	6.810	5,28	0,00	17,74	17,74
Rio do Sul	1.217	943	1.148	1.077	1.574	1.696	1,31	-11,50	66,96	47,75
São Bento do Sul	740	1.480	1.095	740	1.627	1.204	0,93	0,00	9,95	9,95
São Miguel d'Oeste	3.675	1.657	6.089	5.008	1.802	9.023	6,99	36,27	8,75	48,20
Tabuleiro	325	1.000	325	325	1.791	582	0,45	0,00	79,08	79,08
Tijucas	170	1.034	176	170	1.489	253	0,20	0,00	44,01	44,01
Tubarão	1.268	1.170	1.484	1.294	1.288	1.667	1,29	2,05	10,09	12,35
Xanxerê	23.855	1.993	47.544	22.668	1.904	43.153	33,44	-4,98	-4,48	-9,24
Santa Catarina	63.177	1.790	113.067	68.400	1.887	129.047	100,00	8,27	5,42	14,13

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Milho

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em julho, os preços do milho pago ao produtor registraram nova queda, agora de 3,9%, pressionado pela colheita da segunda safra brasileira em R\$59,98/sc de 60kg. No entanto, no início de agosto registra sinais de recuperação de 1,4% na média dos primeiros 10 dias em relação a julho (Figura 1). O comportamento dos preços é semelhante ao do ano passado, com recuperação em agosto. **No cenário internacional**, a expectativa de uma safra robusta nos EUA e mundial¹ (relatório USDA-ago./25) também pesa sobre as cotações atuais e contratos futuros. **A recuperação do mercado** depende, portanto, de um aumento das exportações e/ou eventos climáticos adversos nas principais regiões produtoras globais, em especial nos Estados Unidos.

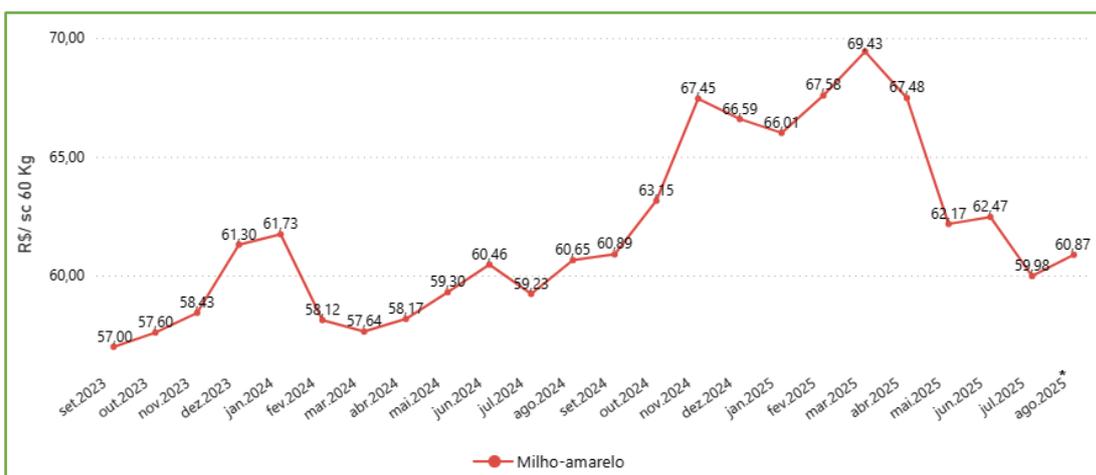


Figura 1. Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês. Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

¹ Foreign Agricultural Service/USDA. August 2025 Global Market Analysis



Conjuntura do Milho

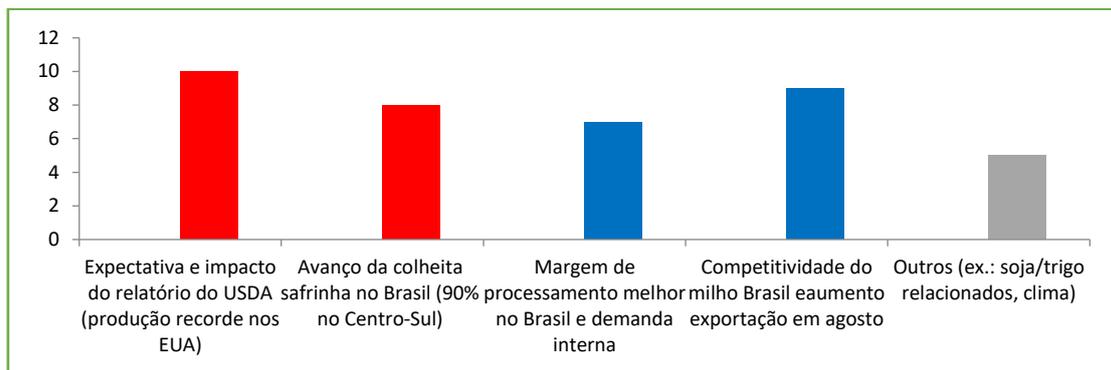


Figura 2. Milho – SC: fatores que predominam no início de agosto no mercado do milho de sentido baixista (vermelho) e expectativa de alta (azul) – Pontuação de frequência e impacto dos fatores no mercado atual e matérias e análises de mercado

Elaboração: Epagri/Cepa, agosto/2025

Exportações/Brasil (parcial agosto/2025)

Até a 2ª Semana de Agosto/2025, o desempenho dos setores de exportações em vários produtos foi significativo, considerando a Média Diária (MD) contra igual período do ano anterior. A expansão das exportações foi puxada, principalmente, pelo crescimento nas vendas dos seguintes produtos: Milho não moído, exceto milho doce (27,8%), Mel natural (129,5%) e Soja (20,8%) na Agropecuária. Segundo dados da Balança Comercial², dados parciais de agosto/2025. Há sinais de elevação significativas das exportações de milho e continuidade da soja em agosto. Com isso, os preços podem reagir durante o segundo semestre. Os dados de final de agosto poderão ser mais conclusivos.

Tabela 1. Milho - Exportações da Agropecuária em Agosto/2025 – (preliminar) - US\$ Milhões. Em Média Diária (MD) contra igual período do ano anterior

	2025		2024		Var.%(MD)
	Valor	MD	Valor	MD	
Soja	1.152,50	192,08	3.497,44	158,97	20,82
Milho não moído, exceto milho doce	407,36	67,89	1.168,63	53,11	27,81
Mel natural	5,10	0,85	8,15	0,37	129,54
Produtos hortícolas, frescos ou refrigerados	14,39	2,39	44,06	2,00	19,74
Especiarias	8,75	1,45	29,04	1,32	10,56

Fonte: Secex. Agosto de 2025

² Balança Comercial Preliminar Parcial do Mês, 2ª Semana de Agosto/2025.
https://balanca.economia.gov.br/balanca/pg_principal_bc/principais_resultados.html



Safra 2024/2025

A produção alcançada na atual safra teve um incremento significativo, alcançando 2,7 milhões de toneladas nas duas safras (Tabela 2). Apesar da redução da área de cultivo em 10%, houve um incremento de 24% na produção total, que representa mais de 500 mil toneladas a mais do que a safra anterior. Neste último relatório da safra, confirma uma safra excelente em termos de rendimento, sendo a maior produtividade da série histórica. No relatório final da safra, a produtividade registra 9,35 t/ha, considerando a média ponderada das duas safras. Quanto a segunda-safra, estima-se que, mais de 30% da área plantada com milho foi destinada para produção de silagem, tendo em vista a necessidade da produção de volumoso para suprimento do rebanho para a produção leiteira.

Tabela 2. Milho-grão primeira e segunda safra 2024/25 – Área, produção e rendimento – Comparativo safra 2023/24 – Informações finais da safra

Microrregião	Safra 2023/24			Estimativa safra 2024/25				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Milho 1ª safra	295.692	6.826	2.018.481	255.761	9.852	2.519.658	92,79	-7,96	-18,51	-24,99
Milho 2ª safra	26.549	6.030	160.101	34.672	5.651	195.930	7,21	-16,03	-4,81	-20,06
Milho total	322.241	6.761	2.178.582	290.433	9.350	2.715.588	100,00	-9,87	38,30	24,65

Fonte: Epagri- Cepa, agosto/2025.

Safra 2025/2026 – Perspectivas

A equipe da Epagri-Cepa durante o mês de agosto realiza o levantamento das expectativas de plantio para próxima safra, 2025/2026 nas diferentes regiões do estado. Os levantamentos abrangem mais de 20 produtos monitorados no sistema de acompanhamento de safra. **Referente ao milho**, em função das boas produtividades da safra anterior, os produtores deverão manter a área de cultivo, com tendência de aumento de área em algumas regiões. As informações prévias das condições climáticas para o próximo trimestre também deverá influenciar³ a decisão, conforme Epagri/Ciram: “Em agosto a média de chuva varia de **110 a 190 mm** no Oeste, Meio Oeste e Planalto e de **110 a 150 mm** Vale do Itajaí e Litoral. Em setembro e outubro inicia a época de chuvas de primavera, com totais de precipitação mais elevados. Os totais de chuva em setembro variam de **150 a 210 mm** no Oeste e Meio Oeste e de **110 a 170 mm** nas demais regiões. Em outubro os volumes de chuva são os mais elevados do trimestre e variam de **210 a 280 mm** no Oeste e Meio Oeste e de **140 a 180 mm** nas demais regiões”.

Evolução da aquisição de sementes de milho – programa Terra Boa

O total de sementes adquiridas via programa Terra Boa da Secretaria da Agricultura e Pecuária SC em 2025 (até julho) foi maior do que o ano anterior, no entanto, é menor que a média dos anos anteriores, cerca de 83.000. Com base nos dados parciais até julho, não é possível afirmar uma tendência clara de aumento no total de sementes distribuídas a serem adquiridas em 2025. Nos meses de julho e agosto se concentram a maior procura de sementes do programa, quando será possível estimar a intenção de plantio para a próxima safra neste grupo de produtores. Do total de sementes adquiridas, cerca de 60% são destinadas ao plantio de milho-silagem.

³ Epagri/Ciram, clima trimestral, acesso: <https://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php/2025/07/30/climatica/>.

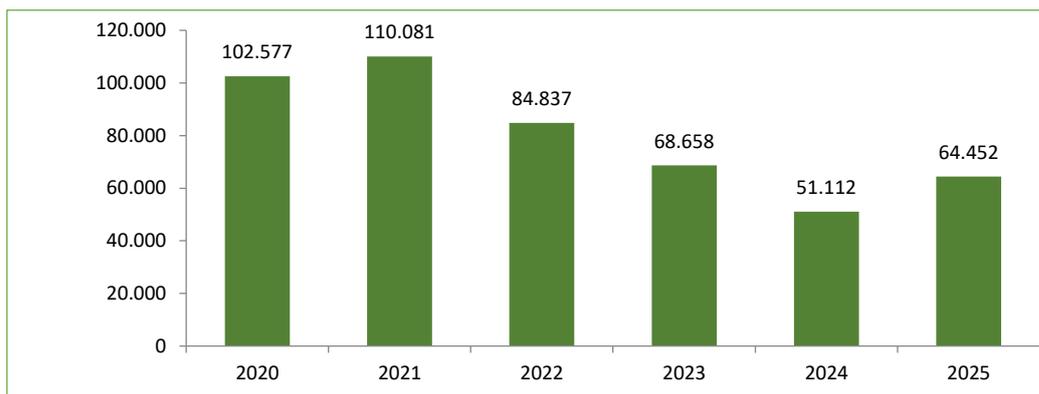
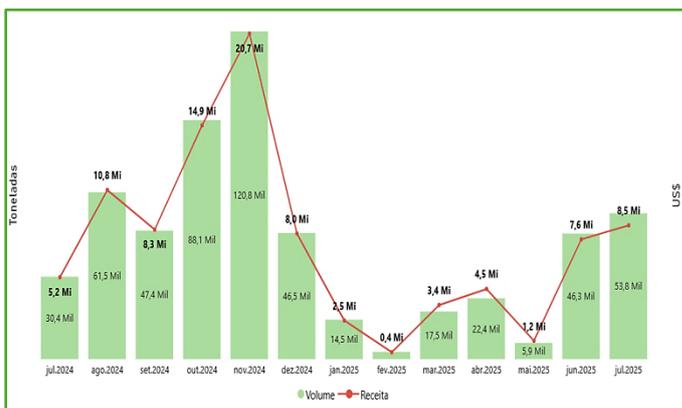


Figura 3. Milho-grão – Evolução da quantidade sementes de milho – Programa Terra Boa – Secretaria da Agricultura e Pecuária, SAPE-SC

Fonte: Epagri- Cepa, agosto/2025

Importações de milho por Santa Catarina



As importações de milho por Santa Catarina apresentam volumes crescentes em junho e julho de 2025. No acumulado do ano foram compradas mais de 162 mil toneladas. O volume está bem superior no mesmo período de 2024, quando foram importadas 107 mil toneladas. A origem total das compras é do Paraguai.

Figura 4. Milho-grão – Importação de milho grãos por Santa Catarina, volume em toneladas e receita em US\$ – Equivalência de preços entre soja/milho de janeiro de 2023 a junho de 2025

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Panorama Nacional – Safra 2024/25

Alterações significativas nos níveis de disponibilidade mensal do cereal no mercado brasileiro indicam que a expansão do cultivo do milho de segunda safra alterou os meses de maiores níveis de estoque no Brasil, para o trimestre julho/agosto/setembro, e as exportações atingiram os maiores níveis nos meses seguintes, influenciando a rápida diminuição da disponibilidade interna, que, por sua vez, atinge os menores níveis no trimestre janeiro/fevereiro/março⁴. A produção no Brasil na primeira safra encontra-se estabilizada há vários anos em 22 a 25 milhões de toneladas. Considerando o consumo mensal de milho no Brasil, que é de 7,5 milhões de toneladas, o estoque final não supre 40 dias de consumo nacional. A relação estoque/consumo permanece baixa (10,6%), apesar de elevação em 2025. O somatório dos volumes de estoques finais e a entrada da primeira safra abastecem o Brasil

⁴ Oferta e demanda mensal de milho no Brasil Impactos da segunda safra.

Consulta em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/199409/1/Oferta-e-demanda-mensal-de-milho.pdf>



somente nos primeiros quatro meses do ano. O risco de desabastecimento nos meses de maio e junho cresce em alguns anos.

Tabela 3. Milho – Evolução da oferta, demanda, estoques, exportação, importação (x 1000 toneladas) e relação estoque e consumo no Brasil

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24	2024/25-Jul
Estoque inicial	14.559	13.187	15.312	13.515	8.096	7.201	1.850
Produção	100.043	102.586	87.097	113.130	131.893	115.500	131.974
Importação	1.596	1.453	3.091	2.615	1.313	1.645	1.700
Suprimento	116.198	117.226	105.500	129.261	141.302	124.346	135.523
Consumo	61.937	67.021	71.169	74.535	79.466	83.996	89.975
Exportação	41.074	34.893	20.816	46.630	54.634	38.501	36.000
Demanda total	103.011	101.914	91.984	121.165	134.100	122.496	125.975
Estoque final	13.187	15.312	13.515	8.096	7.201	1.850	9.548
Relação estoque/consumo	21,3%	22,8%	19,0%	10,9%	9,1%	2,2%	10,6%

Fonte: Conab, julho/2025

DDGS – A viabilidade econômica do uso para produção de suínos e aves

Santa Catarina enfrenta déficit estimado em **cerca de seis milhões de toneladas de milho por ano** para produção de rações. A evolução da moagem de milho para a produção de etanol vem crescendo sistematicamente no Brasil. Na safra 2024/25 está previsto a utilização de 18,39 milhões de toneladas de milho para a produção de etanol, conforme UNEM⁵. A produção de farelo de milho (DDGs) em 2025 está estimada em 4,83 milhões de toneladas. Estudo da Embrapa⁶ suínos e aves “constatou variabilidade na composição e nos preços deste produto, que depende da localização da usina de origem e do local onde vai ser usado na formulação da ração. Por essas razões, a recomendação é formular rações de custo mínimo com as informações de cada lote adquirido. Os DDGS/DDG de alta proteína mostraram-se mais viáveis economicamente para a alimentação de suínos e aves”.

Possíveis benefícios para o setor de carnes:

- **Diversificação de insumos na alimentação animal**, combinando DDGS com soja e minerais para formulações nutricionalmente equilibradas;
- **Menor custo por unidade de proteína**, aliviando a pressão econômica sobre os produtores de suínos e bovinos em SC.
- **Potencial de sustentabilidade**: coproduto industrial aproveitado otimizado, reduzindo desperdício e pegada ambiental da pecuária.

⁵ União Nacional do Etanol de milho. Consulta em: <https://etanoldemilho.com.br/dados-setoriais/>

⁶ Viabilidade do uso de DDGS e DDG de milho na alimentação de frangos e suínos em Santa Catarina. Consulta em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1149447/1/final10026.pdf>



Soja

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Em julho, os preços ao produtor, média mensal, registra recuo de 0,6%, média de R\$122,36/sc. No início de agosto, no entanto, sinaliza alta dos preços nos primeiros 10 dias, chegando à cotação prévia de R\$123,11/sc (Figura 1). A produção recorde na atual safra no Brasil e o relatório USDA⁷ (que reduziram produção e estoque global da leguminosa) foram fatores relevantes na formação dos preços no período atual. Outros fatores atuam no período (Figura 2).

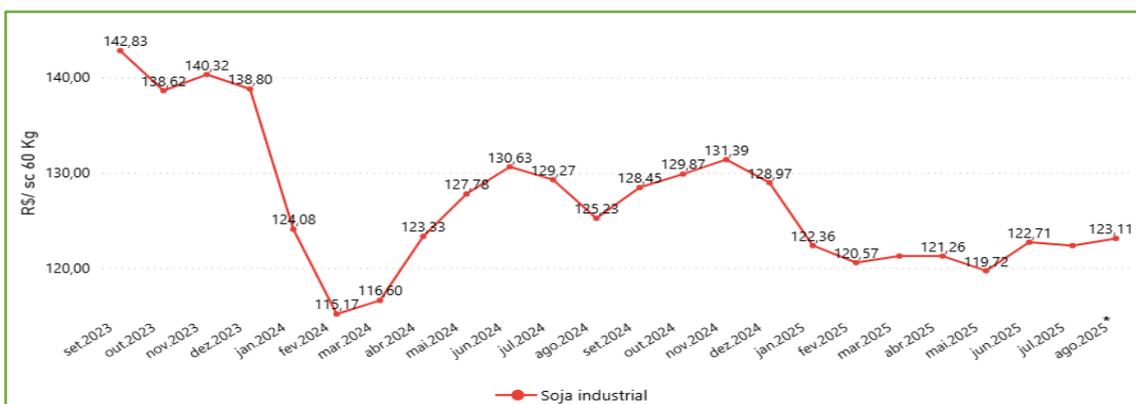


Figura 1. Soja – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês. Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Fatores que impactam o preço da soja em início de Agosto/2025

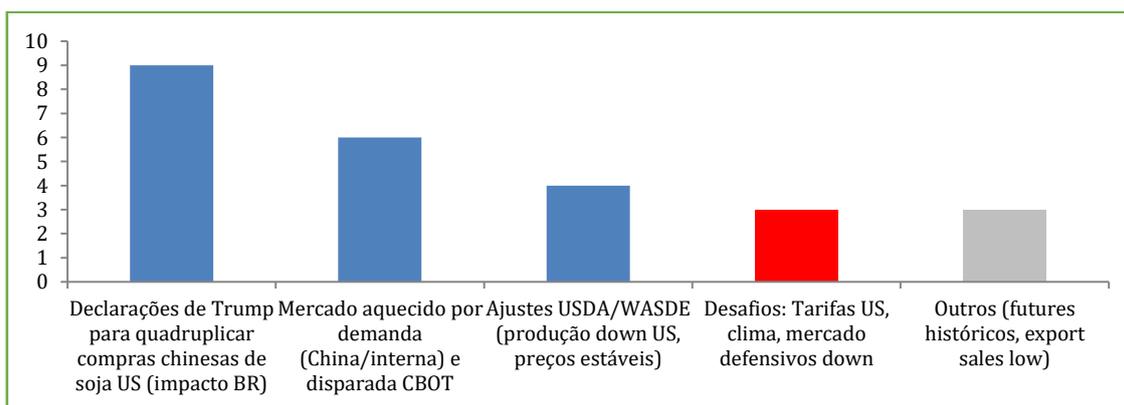


Figura 2. Soja – SC: fatores que atuam no mercado internacional de soja com reflexo no Brasil (agosto de 2025) – Pontuação de frequência e impacto dos fatores no mercado atual e matérias e análises de mercado

Fonte: Investing.com, USDA, Bloomberg, Cepea, agriculture.com. Elaboração. Epagri/Cepa, agosto/2025

⁷ Global Market Analysis and Trade. Oilseeds: World Markets/USDA 2 August 2025



Fatores que tornam a proposta de quadruplicar as exportações de soja do EUA inviável:

A. Tarifas elevadas e competitividade prejudicada.

- Mesmo com uma trégua, há uma tarifa residual de **23% sobre a soja dos EUA**, reduzindo fortemente sua competitividade na China.
- Como resultado, apesar de preços mais baixos, os *traders* chineses preferem fornecedores sem tarifas — como o Brasil.

B. Diversificação de fornecedores pela China:

- A China vem diversificando suas fontes há anos, reduzindo sua dependência dos EUA.
- O Brasil atualmente responde por **cerca de 70% das importações chinesas de soja**, com os EUA caindo para **21% aproximadamente**.

C. Logística e sazonalidade complicada:

- Quadruplicar as exportações implicaria redirecionar volumes hoje consumidos internamente nos EUA para exportação, o que exigiria um reposicionamento drástico da produção e logística.

D. Estoque robusto na China

- A China já acumulou estoques elevados em função das compras antecipadas da América do Sul, reduzindo a necessidade de volumes extras dos EUA neste momento.

*Fonte: Reuters, Forbes Brasil, Fazcomex, Exame. The Washington Post

Safra Catarinense 2024/2025

Em relação ao comparativo da atual safra com a anterior, os levantamentos realizados pela Epagri/Cepa apontam para um aumento de 2,3% da área plantada, alcançando 829,8 mil hectares (área total, primeira e segunda safra). A produtividade média teve um incremento de 16%, chegando a 3.946 kg/ha (média ponderada das duas safras). Com isso, teve um aumento de 19,1% na produção de 3,27 milhões de toneladas (Tabela 1). Na segunda safra houve uma queda das estimativas de produtividade em relação à safra anterior em função de períodos de estiagem registrada em março.

Tabela 1. Soja total – primeira e segunda safra – SC: evolução da área, produtividade e rendimento – Estimativas atuais da safra 2024/25 e comparativo com a safra anterior

Microrregião	Safra 2023/24			Estimativa safra 2024/25				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Soja 1ª safra	752.881	3.448	2.595.926	770.529	4.055	3.124.178	95,40	2,82	-11,17	-8,66
Soja 2ª safra	58.175	2.636	153.355	59.303	2.538	150.495	4,60	-1,12	3,31	2,15
Soja total	811.056	3.390	2.749.281	829.832	3.946	3.274.673	100,00	2,32	16,42	19,11

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Evolução da área cultivada de soja no estado

Acompanhando a tendência nacional, Santa Catarina também registra uma área de crescente de cultivo da soja. Nos últimos 10 anos, a expansão da área foi cerca de 230 mil hectares. Este avanço se dá sobre áreas de pastagens, feijão, milho e até florestas plantadas em alguns



períodos. Os fatores que propiciaram este novo cenário foram: demanda internacional, liquidez do produto e menor custo de produção em relação ao milho e outras culturas.

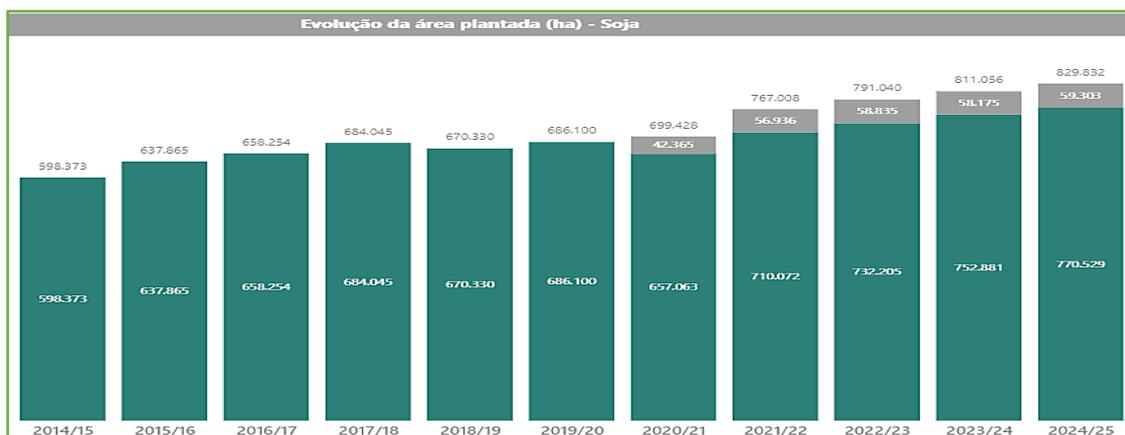


Figura 3. Soja total – primeira e segunda safra – SC: evolução da área cultivada no estado de 2014/15 a 2024/25

(*) A partir de 2021/22 as estimativas referentes a primeira e segunda safra foram separadas.

Fonte: Epagri/Cepa, Observatório AgroSC – agosto/2025

Exportações de soja por Santa Catarina

Até maio, observa-se um volume crescente nas exportações de soja-grão, em junho e julho há uma queda acentuada nestes volumes. No acumulado do ano, até julho 2025, foram embarcadas 709,1 mil toneladas contra 859,7 mil em 2024 no mesmo período. Apesar da maior produção na atual safra, não estão representando, até o momento, em elevação dos volumes exportados. Com variação negativa em relação à safra anterior de 18,4% em quantidade e 26% no valor, representam a retração dos preços no mercado internacional no período (Figura 4). As exportações devem evoluir de maneira mais significativa no segundo semestre.

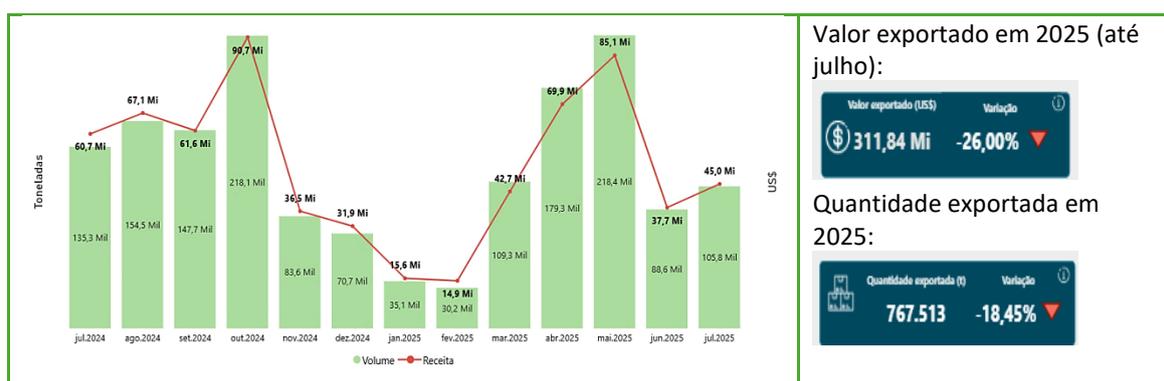


Figura 4. Soja – SC: evolução do volume e valor das exportações mensais - (jul./2024 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de julho, o preço médio recebido pelos produtores catarinenses de trigo sofreu nova redução. Na comparação entre os meses de junho e julho, a variação mensal foi negativa em 0,75%, fechando o mês em R\$ 75,26 sc/60 kg. Na variação anual, em termos reais, alta de 6,90%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação negativa de 1,04%. No Paraná, a variação do preço médio mensal do trigo no mercado-balcão foi negativa em 1,93%.

Tabela 1. Trigo – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

	jun/25 (R\$)	jul/25 (R\$)	Variação mensal (%)	jul/24 (R\$)	Variação anual (%)
Santa Catarina	75,83	75,26	-0,75	70,41	6,90
Goiás	84,69	82,96	-2,05	80,27	3,36
Mato Grosso do Sul	80,95	76,00	-6,11	74,23	2,39
Paraná	78,45	76,94	-1,93	76,57	0,48
Rio Grande do Sul	70,59	69,86	-1,04	70,87	-1,43

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MS, RS), Deral (PR), agosto/2025

Desde o mês de maio, o comportamento dos preços recebidos pelos produtores catarinenses tomou uma trajetória de queda. Para os primeiros nove dias de agosto, podemos verificar que há tendência de redução ainda maiores. O período de entressafra, a concorrência com o trigo importado tem limitado as cotações do cereal no mercado interno.

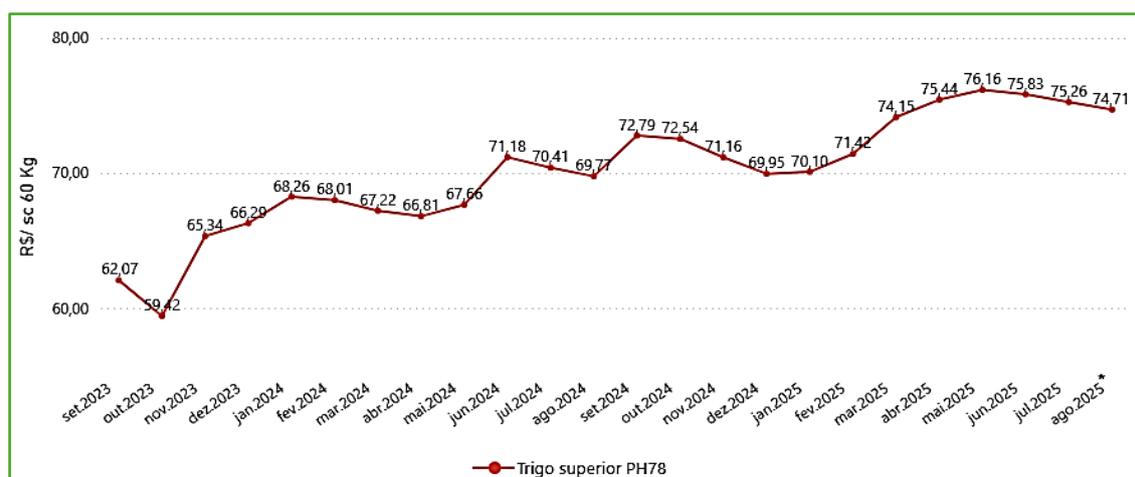


Figura 1. Trigo – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Safra Mundial

Dados mais recentes do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgados no relatório mensal de oferta e demanda do mês de agosto, relativos à produção e estoques mundiais de trigo para a safra 2025/26, quando comparados a safra anterior, apontam para um aumento de 0,87% na produção, passando de 799,92 milhões de toneladas, para atuais 806,90 milhões de toneladas. Contribuem para esse aumento, importantes produtores mundiais como a Rússia, que deverá aumentar 2,3% e a União Europeia, com crescimento de 13,2% na produção. Da mesma forma, Rússia e União Europeia se destacam no volume de exportações, onde é esperado um incremento de 7,0% e 22,6%, respectivamente. A participação dos Estados Unidos nas exportações também deverá crescer cerca de 6,0% nessa temporada. Para 2024/25, são estimados estoques globais em 262,70 milhões de toneladas, contra as 260,08 milhões de toneladas projetados em agosto (safra 2025/26), o que representa uma redução de aproximadamente 1,0%.

Safra Brasileira

Para a safra paranaense de trigo, as lavouras estão predominantemente na fase reprodutiva (floração 26% e frutificação 37%), em desenvolvimento vegetativo 32% da área plantada e apenas 5% da área plantada, as lavouras avançaram para a fase de maturação. Segundo o relatório do Deral/PR sobre as condições de tempo e cultivo, em 82% da área plantada a condição de lavoura é considerada boa, em média condição estão cerca de 12% da área plantada e, em condição de desenvolvimento ruim, apenas 6% da área plantada. As geadas fracas e localizadas ocorridas no último decênio de julho não causaram prejuízos significativos. Houve registros pontuais de perdas em lavouras mais suscetíveis, como as localizadas em baixadas. Ainda segundo o Deral, para essa safra, a área plantada no estado reduziu cerca de 27%, passando de 1.134,6 mil hectares, para atuais 832,8 mil hectares. Contudo, em função da expectativa de um aumento na produtividade média, é esperado um incremento de 13% na produção do cereal, passando de 2.305,6 mil toneladas para atuais 2.608,8 mil toneladas.

No estado gaúcho, segundo dados da Emater/RS, as lavouras encontram-se predominantemente nos estágios de germinação e desenvolvimento vegetativo. A ocorrência de precipitações com bons volumes pela terceira semana seguida, intercalada por dias ensolarados, contribuiu para o crescimento vigoroso e para a emissão contínua de folhas bem expandidas, resultando numa adequada atividade fotossintética e de suprimento nutricional. Nessas lavouras, a segunda aplicação de adubação nitrogenada em cobertura foi concluída. Entre as atividades de manejo destacam-se as aplicações de fungicidas preventivos. Ainda segundo a Emater/RS, a área cultivada no estado gaúcho está projetada em 1.198,3 mil hectares, com uma estimativa de produtividade em 2.997 kg/ha, a produção deverá chegar a 3.592,2 mil toneladas.

Para a safra 2025/26, o levantamento da safra da Conab de julho estima uma produção de 7,81 milhões de toneladas, volume que representa uma redução de aproximadamente 1% em relação à safra anterior. Em relação à produtividade média, a expectativa para essa safra é que tenhamos um significativo aumento de 18,7%, chegando a 3.062kg/ha. Por outro lado, as estimativas da Conab apontam para uma diminuição na intenção de plantio de trigo. Segundo os dados da companhia, essa redução é de 16,5% em relação na área plantada na safra anterior, chegando a 2,55 milhões de hectares. Em relação ao desenvolvimento das lavouras, a média ponderada nacional levantada pela Conab, até o final da primeira semana de agosto, aponta que 100% da área destinada ao cultivo do cereal já foi semeada. Em relação a fenologia, em 61% da área plantada, as plantas estão em desenvolvimento vegetativo; 10,3%



estão em fase de floração; 17,5% já estão em enchimento de grãos; 6,9% avançaram para a fase de maturação; 4,0% em colheita e, apenas 0,2% estão em fase de germinação.

Safra Catarinense

Nas Microrregiões Geográficas (MRG) de Araranguá, Criciúma e Tubarão, o período entre o último decênio de julho e o primeiro decênio de agosto, foi marcado pela incidência de uma frentes frias e ocorrência de um ciclone extratropical no dia 28/07 (segunda-feira). Esse evento climático extremo provocou rajadas de vento que chegaram a 80km/h em muitas localidades da MRG de Tubarão. Apesar da presença do ciclone, os maiores danos foram registrados em benfeitorias e forma pontual. A fase de desenvolvimento predominante é o desenvolvimento vegetativo.

Para a MRG mais altas do estado, como Campos de Lages e Curitibanos, o plantio do trigo na região se intensificou na última semana sendo que praticamente todas as áreas já foram plantadas. As primeiras áreas semeadas encontram-se em fases de germinação e desenvolvimento inicial. Nas áreas "mais adiantadas", produtores realizam tratamentos culturais como adubação nitrogenada em cobertura e o primeiro tratamento fitossanitário, visando prevenir a ocorrência de ferrugem e pragas. Em todas as regiões foram registradas ocorrência de geadas e frio intenso, mas que não trouxeram maiores preocupações aos produtores.

Nas MRG de Canoinhas e São Bento do Sul, o mês de julho foi marcado por pouca chuva, com registro de valores acumulados abaixo da média climatológica em todas as regiões. No município de Canoinhas, por exemplo, o acumulado do mês foi de 42 mm, ficando muito abaixo do esperado, que é de 100 a 150mm para a região. Com relação às temperaturas, estas se mantiveram baixas, dentro do esperado para um inverno típico na região. Apesar da pouca precipitação e poucas aberturas de sol, os cultivos de inverno, como aveia e trigo tem apresentado bom desenvolvimento, sem registro acentuado de pragas e doenças. Produtores seguem realizando os tratamentos culturais recomendados para a fase de desenvolvimento da cultura.

Nas MRG's de São Miguel do Oeste, Chapecó e Concórdia, o mês de julho encerrou com um bom volume de chuvas e temperaturas adequadas em toda área de abrangência das microrregiões. As fases de desenvolvimento predominante para a cultura são o desenvolvimento vegetativo e a floração. De forma geral, lavouras avaliadas como boas, livres de pragas e doenças. Produtores já deram início às adubações em cobertura com fertilizantes nitrogenados assim como estão realizando aplicações de inseticidas e fungicidas de maneira preventiva.

Na avaliação estadual das condições climáticas, os meteorologistas constataram que o mês de julho foi marcado por pouca chuva, com registro de valores acumulados abaixo da média climatológica em todas as regiões. Nos primeiros 24 dias do mês praticamente não foi registrado chuva em SC.

Em todo estado, até o final do mês de julho, 100% da área destinada ao plantio de trigo nessa safra já havia sido semeado. Nas regiões de maior altitude do estado, os





plantios estão em fase inicial. Até o momento, as condições de lavoura são consideradas boas para 98% da área avaliada, e condição média em apenas 2%. A fase de desenvolvimento predominante é o desenvolvimento vegetativo (99%) e floração (1%).

Para a safra 2025/26, a área plantada de trigo estimada para Santa Catarina reduziu para 101,5 mil hectares, redução de 17,50% em relação à safra anterior. A produtividade média estimada para essa safra está em 3.545 kg/ha, um pequeno incremento de 0,88%. Com isso, a produção deverá chegar a 359,8 mil toneladas, volume que representa uma redução de 16,77% em relação à safra anterior.

Tabela 2. Trigo – Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	550	3.073	1.690	567	3.098	1.756	0,49	3,09	0,80	3,92
Campos de Lages	4.220	3.495	14.749	3.420	3.704	12.666	3,52	-18,96	5,96	-14,13
Canoinhas	17.100	3.491	59.690	16.700	3.488	58.245	16,19	-2,34	-0,08	-2,42
Chapecó	30.190	3.411	102.984	19.814	3.323	65.842	18,30	-34,37	-2,59	-36,07
Concórdia	3.020	3.410	10.299	2.310	4.061	9.382	2,61	-23,51	19,10	-8,90
Criciúma	409	3.154	1.290	419	3.157	1.323	0,37	2,44	0,10	2,54
Curitibanos	18.800	4.015	75.482	15.750	4.195	66.077	18,37	-16,22	4,49	-12,46
Ituporanga	1.190	2.161	2.571	1.190	2.399	2.855	0,79	0,00	11,05	11,05
Joaçaba	9.150	3.306	30.246	8.260	3.756	31.022	8,62	-9,73	13,61	2,56
Rio do Sul	1.328	1.905	2.530	1.128	2.469	2.785	0,77	-15,06	29,60	10,08
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	700	3.343	2.340	0,65	0,00	0,00	0,00
São Miguel d'Oeste	11.756	3.388	39.828	10.010	3.419	34.220	9,51	-14,85	0,91	-14,08
Tabuleiro	57	3.100	177	57	3.100	177	0,05	0,00	0,00	0,00
Tubarão	396	3.010	1.192	401	3.008	1.206	0,34	1,26	-0,04	1,23
Xanxerê	24.150	3.611	87.210	20.760	3.366	69.871	19,42	-14,04	-6,80	-19,88
Santa Catarina	123.016	3.514	432.279	101.486	3.545	359.766	100,00	-17,50	0,88	-16,77

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Hortalças

Alho25

Cebola28



Alho

Jurandi Teodoro Gugel

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio do alho classes 4-5, ao produtor catarinense no mês de junho, último mês de coleta de preços da Epagri/Cepa, pois estamos na entressafra teve aumento de 18,93% em relação ao mês de maio (Figura 1), comportamento de preço esperado para o período em função da finalização da comercialização da safra sulista e ainda sem a entrada no mercado da safra do Centro do País.

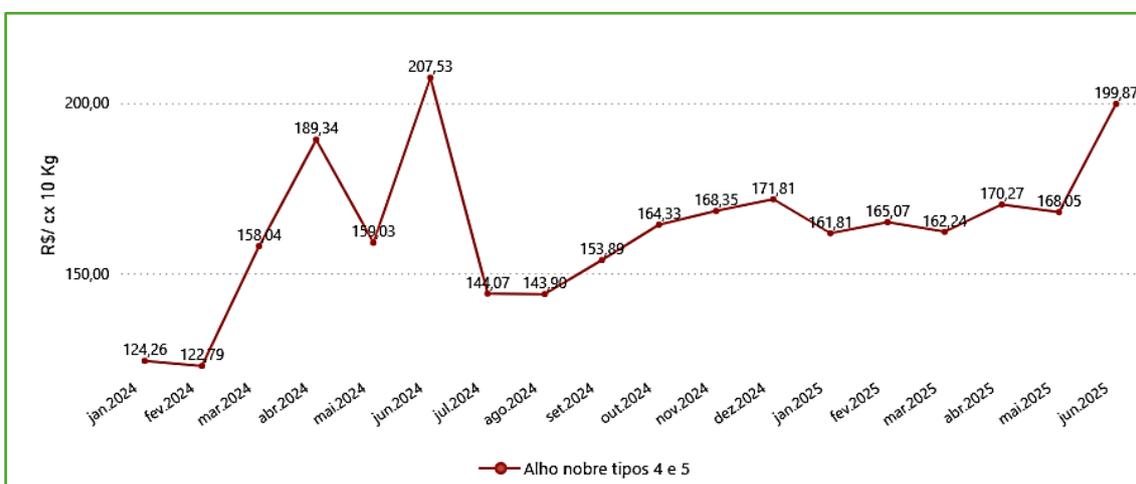


Figura 1. Preço médio mensal pago aos produtores corrigidos pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

No mês de julho, a cotação média do alho classes 4 e 5, nas principais centrais de abastecimento foi de R\$24,24/kg, aumento de 3,10% em relação ao mês de junho. O mês de agosto, com oferta mais elevada, iniciou com nova redução das cotações, passando para R\$21,75/kg, aumento de redução de 10,27 % em relação ao mês de julho (Figura 2).

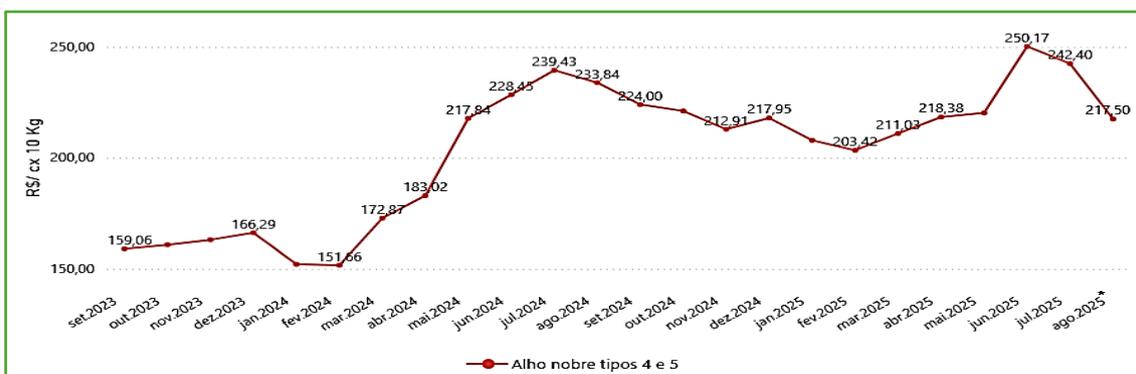


Figura 2. Preço médio real mensal atacado corrigido pelo IGP DI – set./2023 a ago./2025

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Safra Catarinense



As lavouras de alho da safra 2025/26 já foram plantadas em Santa Catarina e conforme o calendário agrícola da Epagri/Cepa, a condição da lavoura é considerada boa, reflexo das condições climáticas favoráveis à cultura até o momento.

Figura 3. Alho – Calendário Agrícola – Safra 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa ago./2025

Na tabela 1, se apresenta comparativamente, a safra de alho 2024/25 com a de 2025/26. A área plantada no estado, conforme o acompanhamento de safra da Epagri/Cepa, no mês de julho, teve aumento de 9,71% em relação à safra passada. A estimativa de produção passou de 7,22 mil toneladas, para 7,57 mil toneladas, aumento de 4,78%. A produtividade estimada é de 10.476 kg/ha, redução de 4,49 % em relação à safra passada.

As principais microrregiões de produção da hortaliça no estado são a de Curitibaanos e Joaçaba, que historicamente se mantêm na dianteira da produção em Santa Catarina, seguidas da microrregião dos Campos de Lages.

Tabela 1. Distribuição regional das safras de alho em Santa Catarina

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Campos de Lages	29	9.528	276	9	9.367	84	1,11	-68,97	-1,69	-69,49
Curitibaanos	321	10.942	3.512	405	10.000	4.050	53,47	26,17	-8,61	15,31
Joaçaba	309	11.133	3.440	309	11.133	3.440	45,42	0,00	0,00	0,00
Santa Catarina	659	10.969	7.229	723	10.476	7.574	100,00	9,71	-4,49	4,78

Fonte: Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Comércio exterior

Na tabela 2, é apresentado o histórico recente das importações de alho no Brasil. No mês de julho, foram importadas 10,48 mil toneladas da hortaliça, redução de 31,27% em relação ao mês junho. Em relação ao mesmo mês do ano passado, também houve redução na quantidade importada em 19,01%.

De janeiro a julho do corrente ano, a quantidade de alho importada pelo Brasil é 3,18%, maior que a do mesmo período de 2024, de acordo com os dados do Ministério da Indústria e Comercio Exterior.



Tabela 2. Alho – Brasil: importações de jan./2021 – mai./2025 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	6,21	2,09	1,93	5,38	18,38	119,59
2023	14,91	13,09	12,07	11,02	13,15	10,89	6,60	2,75	3,78	5,33	5,32	16,12	115,03
2024	14,89	15,77	15,87	16,35	16,66	13,26	12,94	7,95	1,98	4,61	6,38	18,86	145,52
2025	15,31	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	-	-	-	-	-	109,18

Fonte: Comex Stat/MDICS, agosto/2025

No mês, os países fornecedores da hortaliça ao Brasil foram a China com 8,26 mil toneladas, equivalente a 78,76% da importação, a Argentina com 1,61 mil toneladas, equivalente a 15,34 % das importações, Egito com 548,6 toneladas equivalentes a 5,23% da importação e a Espanha com 69,1 toneladas, equivalente a 0,66% das importações. O preço médio FOB foi de U\$1,18/kg, redução de 25% em relação ao mês de junho que foi de U\$1,58/kg.



Cebola

Jurandi Teodoro Gugel

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio da cebola ao produtor catarinense em junho, último levantamento de mercado da Epagri/Cepa, em Santa Catarina, pois estamos na entressafra, foi de R\$30, 27,00/saca de 20kg. O fechamento da comercialização da safra se deu com o preço abaixo do custo médio estimado para o estado que era de R\$1,67/kg (Figura 1). Nas Regiões do Cerrado e Nordeste o preço pago ao produtor, atualmente varia de R\$0,90/kg a R\$1,60/kg, de acordo com os dados da revista HF do CEPEA.

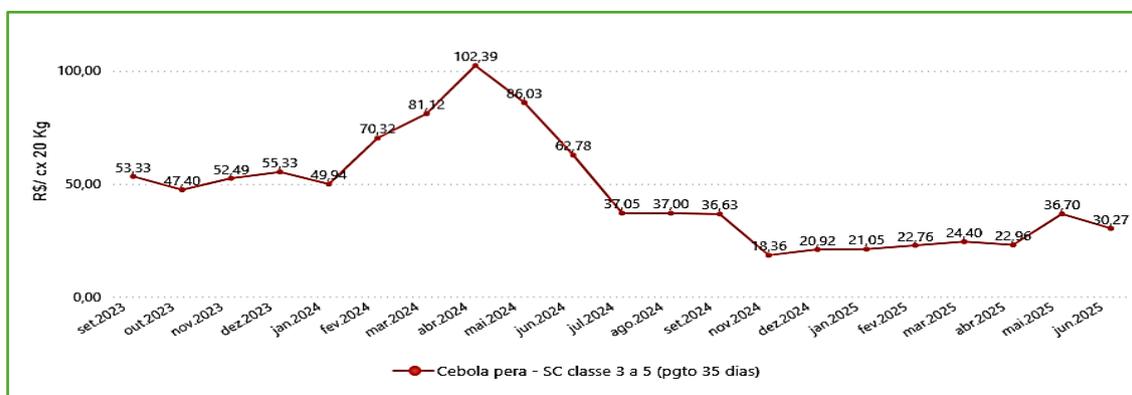


Figura 1. Preço médio mensal pago aos produtores corrigidos pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

No mercado atacadista em julho, a cebola foi comercializada com preço médio de R\$ 57,02/saca de 20 kg, redução de 10,73% em relação ao mês de junho. Nas primeiras semanas de agosto houve redução das cotações, passando para R\$ 37,50/saca de 20 kg, redução de 52,05 % em relação ao mês de julho (Figura 2). Em síntese, o mercado continua com elevada oferta que se apresenta desde o início do ano.

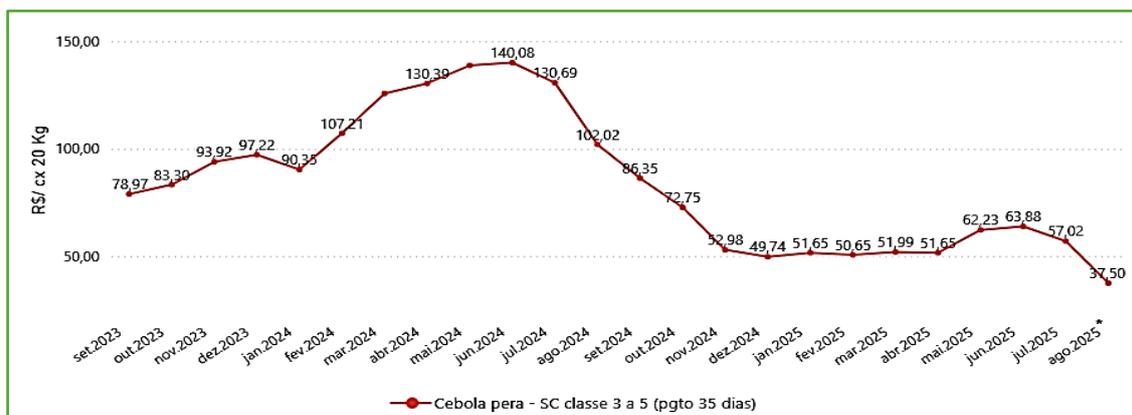


Figura 2. Preço médio real mensal (corrigido pelo IGP DI) – atacado

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Safra catarinense

A safra catarinense de cebola 2025/26, está sendo implantada e, conforme o calendário agrícola da Epagri/Cepa, já atinge 72 % da área estimativa para plantio no estado. A condição das lavouras até o presente momento é considerada boa, em 92% da área plantada e 8% é



considerada, condição média, que a depender das condições climáticas pode melhorar em função que há baixa ocorrência de problemas fitossanitários. Como informado na edição anterior, a Região do Alto Vale do Itajaí, os produtores ampliaram o uso do semeio direto da cebola em função da escassez de mão-de-obra na Região. Contribuiu para esta possibilidade a evolução e melhoria tecnológica das máquinas e equipamentos.

Figura 3. Calendário Agrícola – Safra da cebola em Santa Catarina

Fonte: Infoagro – Epagri/Cepa agosto/2025

A tabela abaixo compara a estimativa de safra de cebola 2025/26 com a produção da safra 2024/25, cuja quantidade produzida foi de 556.484 toneladas e produtividade média de 28.841 kg/ha. A nova safra está estimada em 594,18 mil toneladas, um aumento de 6,77% em relação à safra passada, reflexo da ampliação estimada para a área plantada em 0,96% e da produtividade que se estima de alcançar 30,5 toneladas/ha, 5,76% maior que a da safra passada (Tabela 1). É importante registrar que o aumento previsto na produção de cebola no estado deve servir de orientação aos produtores para fazer uma boa gestão de custos de produção, pois a oferta do produto deve ser elevada no período da comercialização, tendendo a preços menores e grande desafio para ter retorno econômico da atividade.

Tabela 1. Cebola – SC: distribuição microrregional – área plantada, produção e produtividade – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.313	26.938	35.369	5,95	11,46	3,98	15,89
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,24	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	260	41.442	10.775	1,81	13,04	0,76	13,90
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	9.123	30.397	277.312	46,67	0,00	10,04	10,04
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	39.459	70.908	11,93	0,56	0,01	0,57
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	27.908	49.034	8,25	0,00	11,03	11,03
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.805	29.841	113.545	19,11	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.252	23.825	29.829	5,02	0,00	0,00	0,00
Santa Catarina	19.295	28.841	556.484	19.480	30.502	594.182	100,00	0,96	5,76	6,77

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Comércio Exterior

Com a grande oferta de cebola desde o início do ano, as importações foram menores em relação ao mesmo período do ano passado quando totalizaram 258.019 toneladas. De janeiro a julho do corrente ano, as importações somam 136.461 toneladas, redução 45,98% em relação ao mesmo período do ano passado. A redução se deve a elevada oferta que persiste desde o início do ano (Tabela 2).

Tabela 2. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2023 a janeiro de 2025 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2023	1.380	2.385	13.243	27.884	37.148	21.744	5.578	1.384	156	3.411	10.396	9.426	134.135
2024	5.024	22.929	48.986	83.672	65.851	23.255	2.309	3.040	329	1.294	475	268	258.019
2025	307	2.584	19.075	29.421	60.207	22.391	2.476	-	-	-	-	-	136.461

Fonte: Comex Stat/MDCS, agosto/2025

Em função oferta interna de cebola, no mês de julho a importação foi de apenas 2,47 toneladas e demandaram um desembolso de (FOB) US\$0,45 milhão (Figura 4).

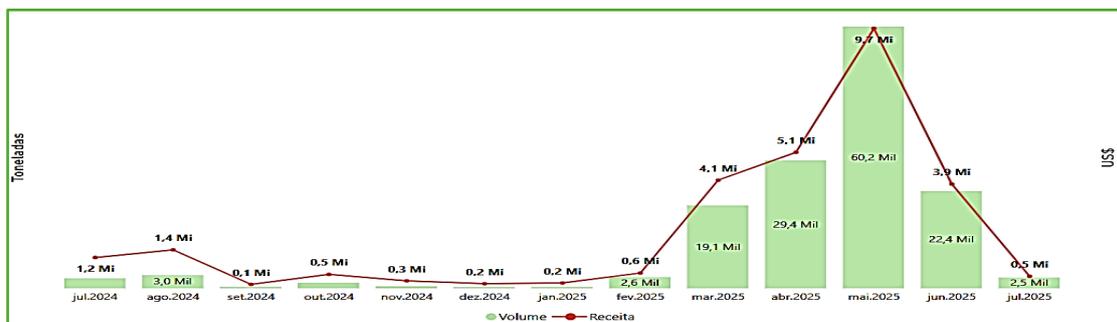


Figura 4. Cebola – Brasil: importação mensal – jun./2024 a jul./2025

Fonte: Comex Stat/MDCS – agosto/2025

No mês, os fornecedores do produto para o Brasil foram a Argentina com 3,32 mil toneladas equivalente a 93,70 % da importação e o Chile com 104 toneladas, equivalente a 4,2 % e a Nova Zelândia com 52 toneladas, correspondendo a 2,10% da importação. O preço médio (FOB) foi de US\$0,18/kg, aumento de 5,88 % em relação ao mês passado.



Pecuária

Avicultura.....	32
Bovinocultura	38
Suinocultura	43
Leite	49



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de agosto, os preços do frango vivo apresentaram quedas em relação aos do mês anterior nos dois principais estados produtores: -2,1% no Paraná e -0,6% em Santa Catarina. Na comparação com agosto do ano passado (valores corrigidos pelo IGP-DI), registram-se variações positivas: 5,7% em Santa Catarina e 2,9% no Paraná.



Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores⁽¹⁾ (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

Em Santa Catarina, os preços pagos aos avicultores tiveram comportamentos distintos nas principais regiões produtoras do estado: quedas 1,7% no Litoral Sul e de 0,1% no Oeste, enquanto o Meio Oeste não apresentou variação no período. Em relação aos valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), todas as regiões registraram altas: 7,9% no Meio Oeste, 5,2% no Litoral Sul e 4,5% no Oeste.

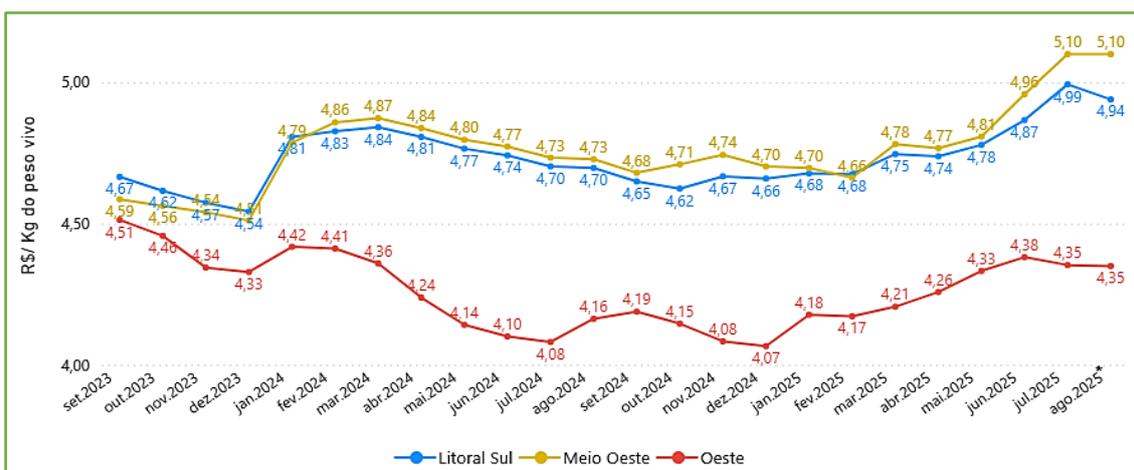


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)

(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, as primeiras semanas de agosto foram marcadas pelo predomínio de variações negativas em todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados aos valores do mês anterior: -5,7% para a coxa/sobrecoxa; -4,9% para o frango inteiro congelado; -1,2% para o peito com osso e -0,9% para o filé de peito. A variação média dos quatro cortes foi de -3,2%.

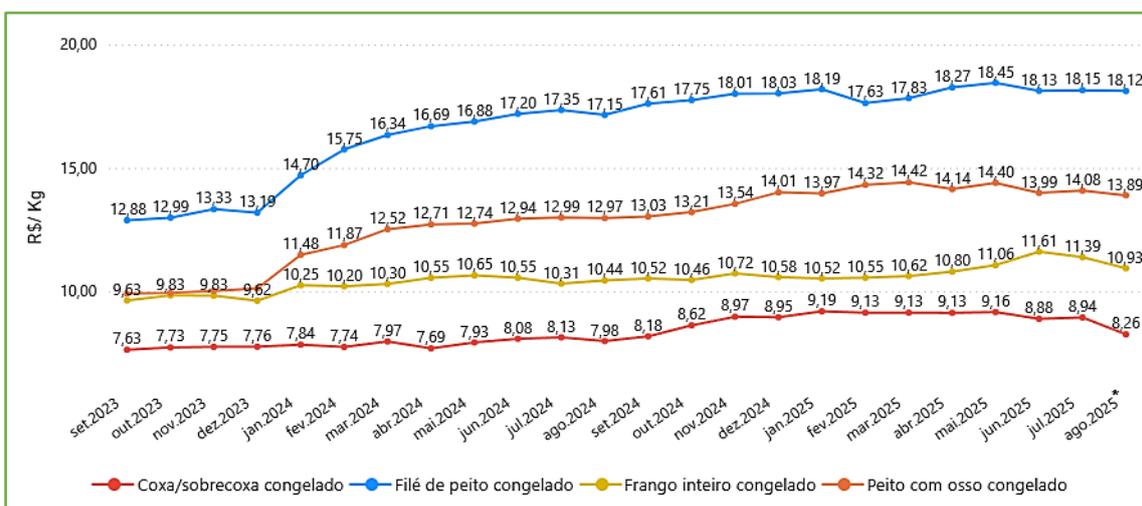


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Apesar das quedas recentes, na comparação com os valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), todos os cortes registraram altas: 7,6% para o peito com osso; 5,6% para a coxa/sobrecoxa; 4,6% para o filé de peito e 3,6% para o frango inteiro. A média de variação dos quatro cortes foi de 5,4%.



Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em julho, o custo de produção de frangos em aviário climatizado positivo em Santa Catarina foi de **R\$5,07/kg de peso vivo**, queda de 0,6% em relação ao mês anterior. Contudo, o valor atual ainda se encontra 5,4% acima daquele registrado em julho de 2024 (corrigido pelo IGP-DI). Nos últimos três meses, registraram-se quedas no custo de produção.

A relação de troca insumo-produto registrou alta de 2,9% nas primeiras semanas de agosto de 2025 em comparação com julho. Esse resultado deve-se, principalmente, à alta de 2,86% no preço do milho no Oeste Catarinense, parcialmente compensada pela redução de 0,08% no preço do frango vivo na mesma região. O índice atual está 2,1% abaixo do verificado em agosto de 2024, o que indica que os produtores precisam de um pouco menos de frango vivo para adquirir uma saca de milho em relação ao mesmo período do ano anterior.



Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na região Oeste.

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou 386,2 mil toneladas de carne de frango, alta de 17,7% em relação a junho, mas queda de 14,4% na comparação com julho de 2024. As receitas totalizaram US\$719,2 milhões, crescimento de 17,0% frente ao mês anterior, mas redução de 17,5% ante julho do ano passado.

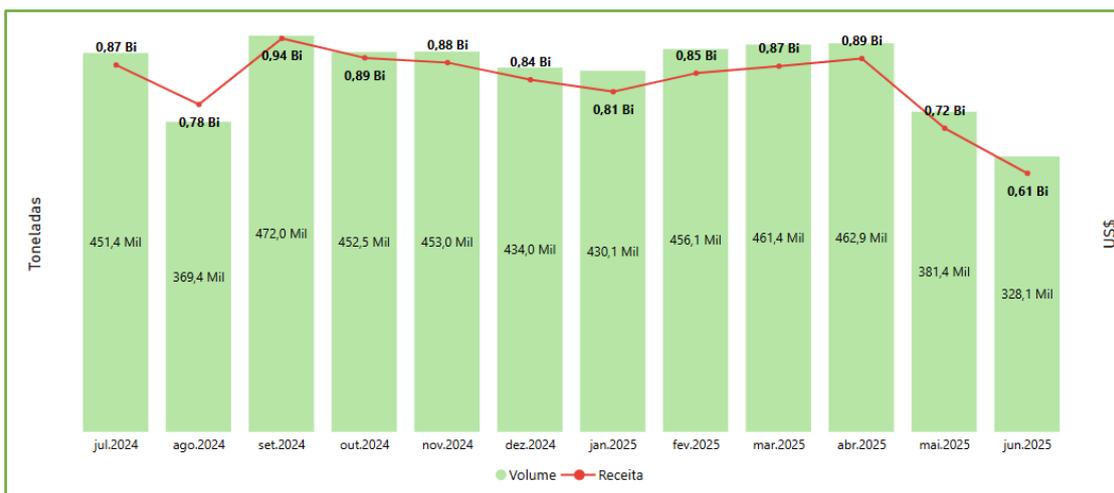


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Os dados apresentados contabilizam carne in natura e industrializada.

Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado de janeiro a julho, as exportações mantiveram um desempenho razoável em relação ao mesmo período de 2024, refletindo principalmente os resultados do primeiro quadrimestre: 2,91 milhões de toneladas (-2,3%) com receitas de US\$5,47 bilhões (+0,9%). Os principais destinos no período foram Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, China, Japão e México, responsáveis por 38,2% da quantidade e 45,2% das receitas totais.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **95,4 mil** toneladas de carne de frango em julho, alta de 25,2% ante junho, mas queda de 7,5% na comparação com julho de 2024. As receitas foram de **US\$193,5 milhões**, crescimento de 22,0% na comparação com o mês anterior, mas queda de 5,9% em relação a julho do ano passado. Os resultados negativos em comparação a 2024 devem-se, principalmente, ao embargo temporário imposto por diversos países devido à detecção de um caso de influenza aviária (H5N1) no Rio Grande do Sul, em meados de maio. Os números de julho mostram uma recuperação gradual das exportações, depois dos impactos mais significativos observados nos dois meses precedentes.

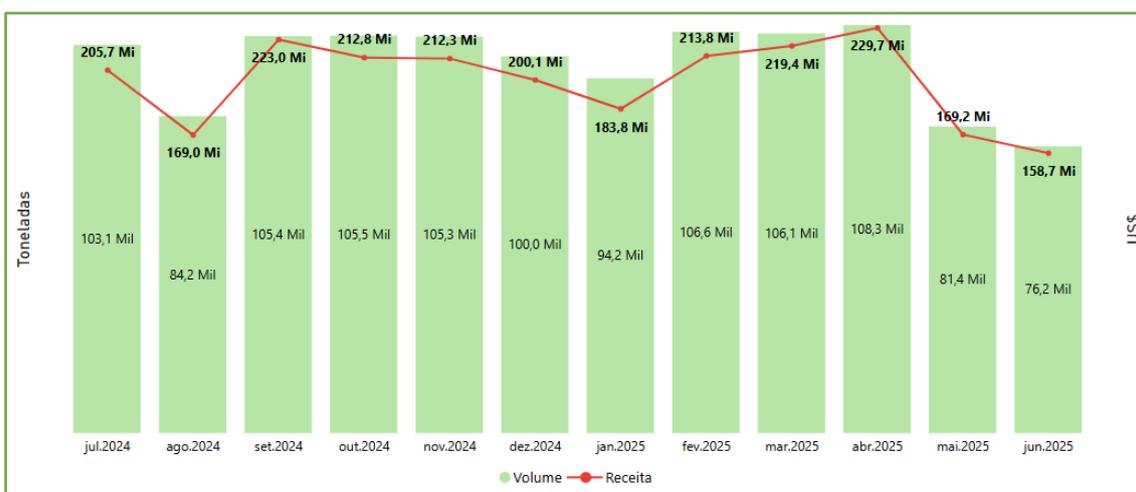


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Os dados apresentados contabilizam carne in natura e industrializada.

Fonte: MDIC/Comex Stat



O valor médio da carne *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de US\$1.994,60 por tonelada, queda de 3,2% em relação a junho. Contudo, na comparação com julho de 2024, o valor mais recente registra alta de 3,9%.

No acumulado dos primeiros sete meses, Santa Catarina exportou **668,2 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,37 bilhão**, altas de 0,3% e 7,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2024. A manutenção de resultados positivos no acumulado anual, mesmo com a identificação do surto de gripe aviária no território gaúcho, demonstra o quão aquecidas estavam as exportações antes desse episódio, bem como evidencia um processo de recuperação em curso.

Quando se comparam as exportações de julho com as de junho, verificam-se altas nos embarques para diversos destinos, em especial a Arábia Saudita (8,9% em quantidade e 6,9% em receitas), o que fez com que o país fosse o principal destino da carne de frango catarinense no mês passado e assumisse a liderança do *ranking* no acumulado do ano. De janeiro a julho, os embarques para os sauditas cresceram 15,7% em quantidade e 44,2% em receitas na comparação com o mesmo período de 2024.

A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango nos primeiros sete meses de 2025.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a jul./2025

País	Valor (US\$)	Participação %	Quantidade (t)	Participação %
Arábia Saudita	172.418.132,00	12,6	73.421	11,0
Japão	162.901.441,00	11,9	81.884	12,3
Países Baixos (Holanda)	156.801.502,00	11,5	44.958	6,7
Emirados Árabes Unidos	123.188.833,00	9,0	54.406	8,1
China	102.504.142,00	7,5	48.847	7,3
Demais países	650.199.954,00	47,5	364.724	54,6
Total	1.368.014.004,00	100	668.240	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por **23,0%** da quantidade e **25,0%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango entre janeiro e julho deste ano.

Produção

Dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, indicam que Santa Catarina abateu **450,3 milhões** de frangos⁸ no 1º semestre de 2025⁹, crescimento de 0,7% sobre o semestre anterior e de 2,5% na comparação com igual período de 2024. Conforme demonstra a figura 7, a produção catarinense tem permanecido relativamente estável nos últimos semestres.

⁸ Desse volume total, 97,4% dos frangos foram abatidos em território catarinense, enquanto o restante foi encaminhado a abatedouros em outros estados.

⁹ Os dados referentes a julho de 2025 já estão disponíveis no Observatório Agro Catarinense (www.observatorioagro.sc.gov.br). Entretanto, como se tratam de informações preliminares – passíveis de atualização no início do próximo mês –, optou-se por basear a análise exclusivamente nos dados do primeiro semestre, que já se encontram consolidados.

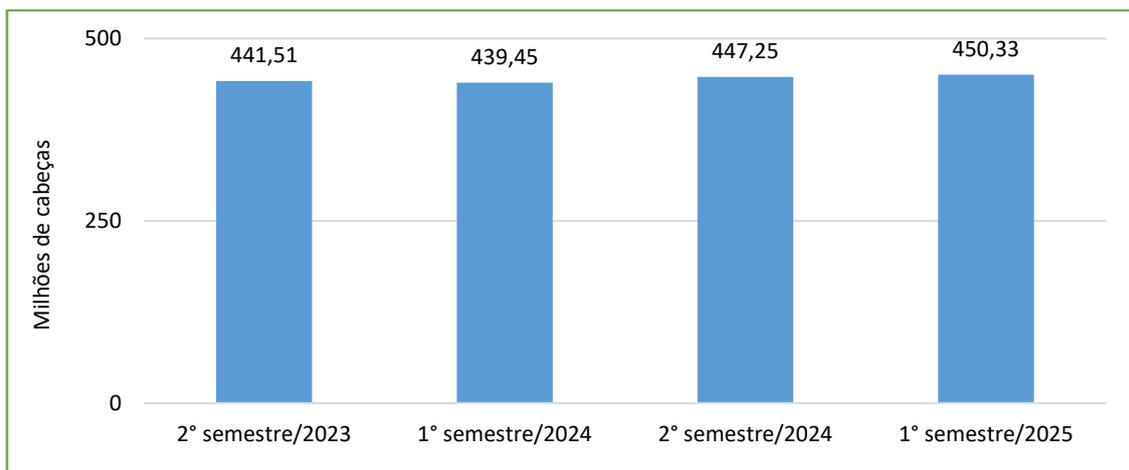


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção por semestre

Fonte: Cidasc

Influenza aviária

Até o fechamento desta edição do Boletim Agropecuário, sete países e a União Europeia mantinham a suspensão total das exportações de carne de aves do Brasil, medida adotada após a detecção de um foco de influenza aviária no Rio Grande do Sul em maio último. Paralelamente, outros quinze países mantinham restrição somente aos produtos oriundos do estado do Rio Grande do Sul ou da região afetada.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de agosto, houve predominância de quedas nos preços em todos os principais estados produtores de bovinos do país, dando continuidade ao movimento iniciado no mês anterior. Na comparação entre as médias desse período com os valores de julho, observam-se as seguintes variações: -4,3% no Rio Grande do Sul; -3,5% no Mato Grosso; -3,3% em Santa Catarina; -2,5% no Paraná; -2,5% em Goiás; -1,4% em Minas Gerais; -0,4% em São Paulo e -0,3% no Mato Grosso do Sul.

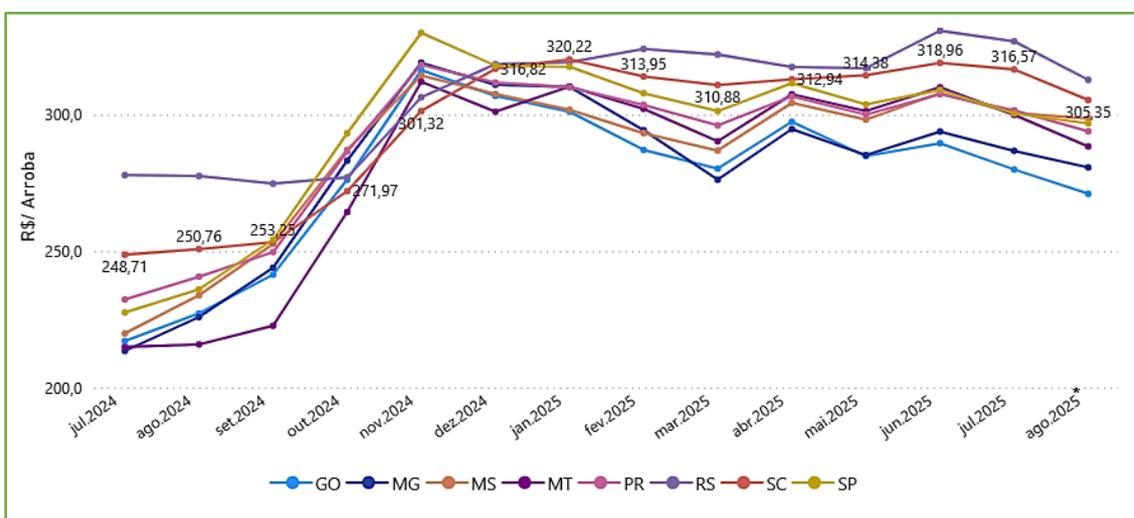


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores nominais, não corrigidos.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Esses resultados refletem, principalmente, o clima de incerteza gerado pela imposição de uma tarifa adicional de 40% sobre inúmeros produtos brasileiros pelo governo dos Estados Unidos, incluindo a carne bovina. Essa tarifa soma-se aos 10% estabelecidos em abril deste ano e a uma taxa anterior de 26,4% aplicável após o preenchimento de uma pequena cota de 65 mil toneladas (compartilhada com outros países). Os Estados Unidos foram o segundo principal destino das exportações brasileiras de carne bovina em 2024, respondendo por 8,0% da quantidade e 10,5% das receitas no período. Segundo notas de entidades representativas do setor, a nova tarifa praticamente inviabiliza as exportações brasileiras para os EUA. Embora o Brasil tenha o maior rebanho comercial do mundo, a medida anula a vantagem competitiva de preço e volume que o país possuía, beneficiando outros exportadores. Nenhum país consegue suprir sozinho a demanda do mercado estadunidense, mas os importadores provavelmente diversificarão suas fontes, o que pode beneficiar Austrália, Argentina, Uruguai e Paraguai.



A China, maior compradora da carne brasileira, pode absorver parte do excedente, mas a preços mais baixos, pressionando a rentabilidade do setor. Outro fator de incerteza é a investigação chinesa sobre salvaguardas, que pode resultar em tarifas até novembro.

A análise dos preços diários dos principais estados produtores, contudo, demonstra um movimento de alta consistente, que pode resultar em variações positivas ao longo da segunda quinzena deste mês. Esse movimento está associado, principalmente, à oferta restrita de animais prontos para abate.

Embora Santa Catarina exporte pouca carne bovina e quase nada para os Estados Unidos (em 2024, apenas 22 kg foram enviados, segundo o Comex Stat), o estado deve ser afetado indiretamente pela medida. Num primeiro momento, o excedente que deixa de ser exportado tende a pressionar os preços para baixo, como já observado em julho e nas primeiras semanas de agosto – inicialmente com maior intensidade nos estados exportadores, mas com reflexos em outras regiões. Frigoríficos de menor porte, mais focados no mercado interno, poderão sofrer concorrência mais acirrada se houver um aumento da oferta de outros estados, prejudicando sensivelmente essas empresas.

Apesar das quedas recentes, os preços ainda estão acima dos valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI): alta de 34,1% no Mato Grosso; 28,2% no Mato Grosso do Sul; 26,8% em São Paulo; 25,2% em Minas Gerais; 22,1% no Paraná; 22,1% em Santa Catarina; 20,2% em Goiás e 12,7% no Rio Grande do Sul.

Todas as dez regiões de Santa Catarina acompanhadas pela Epagri/Cepa apresentaram quedas nos preços do boi gordo entre julho e agosto, variando de -1,5% no Planalto Sul a -7,1% no Oeste Catarinense.

No atacado, os preços apresentaram movimentos distintos nas primeiras semanas de agosto: alta de 2,3% para a carne de dianteiro e queda de 1,2% para a carne de traseiro (em relação a julho). Na média, os valores caíram 0,8% no período. Comparados a agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), os valores atuais apresentam elevações: 28,0% para a carne de dianteiro e 16,0% para a carne de traseiro, com média de 22,0%.

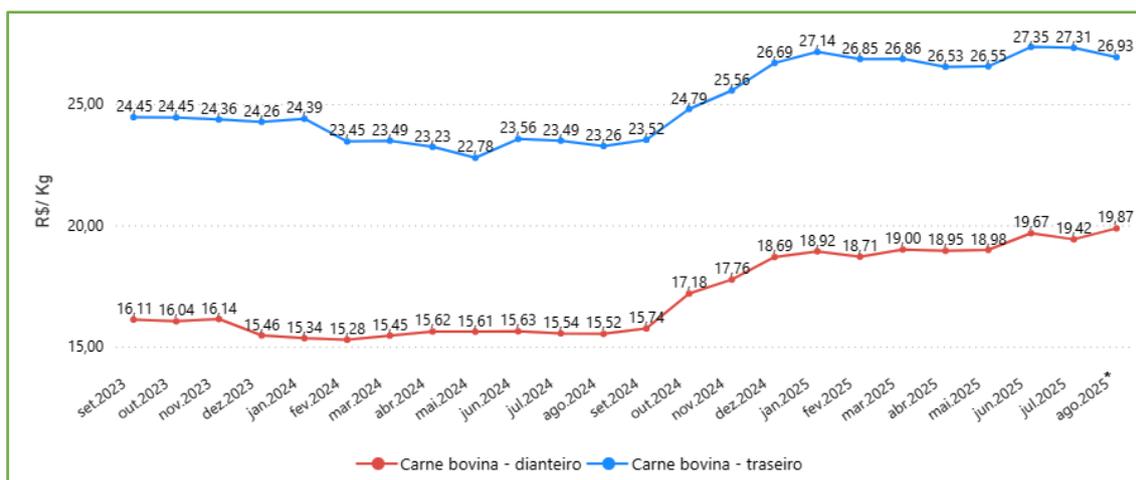


Figura 2. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa



Custos

As cotações das duas categorias de animais de reposição apresentaram alta nas primeiras semanas de agosto em relação às médias do mês anterior, recuperando-se das quedas registradas em julho. Os bezerros de até 1 ano apresentaram alta de 2,2%, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registraram elevação de 1,5%. No acumulado do ano, essas categorias já acumulam altas de 15,5% e 5,5%, respectivamente. Esse cenário está provavelmente associado à expectativa de mudança no ciclo pecuário e à possível valorização da arroba do boi gordo nos próximos meses, apesar dos impactos imediatos da tarifa adicional imposta pelos Estados Unidos.

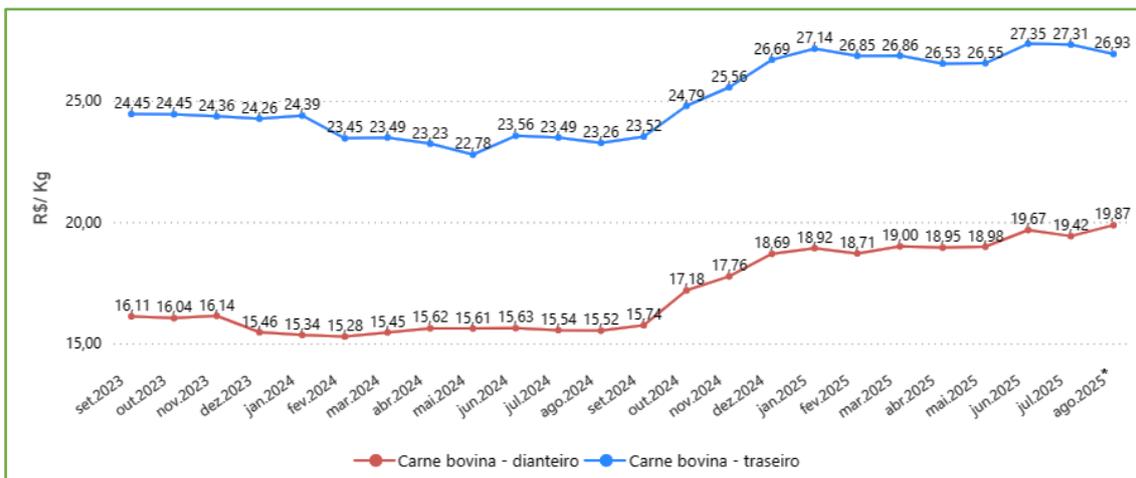


Figura 3. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação com os valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), observam-se aumentos expressivos em ambas as categorias: os bezerros apresentaram valorização de 33,2%, enquanto os novilhos tiveram alta de 27,6%.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **310,2 mil toneladas** de carne bovina, volume que representa aumentos de 15,3% em relação a junho e de 16,8% na comparação com julho de 2024. As receitas alcançaram US\$1,66 bilhão, crescimento de 16,8% frente ao mês anterior e expressiva alta de 45,6% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse desempenho representa o melhor resultado mensal desde o início da série histórica em 1997, tanto em receitas quanto em volume.



Figura 4. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$5.550,99** por tonelada – alta de 1,9% ante junho e de 25,9% em relação a julho de 2024.

No mesmo mês, o Brasil exportou 18,2 mil toneladas de carne bovina para os Estados Unidos, volume praticamente igual ao embarcado no mês anterior. Em relação a julho de 2024, registra-se crescimento de 5,1% no volume comercializado com aquele país. Cabe destacar que a taxa adicional imposta pelos Estados Unidos só entrou em vigor a partir de 7 de agosto.

No acumulado de janeiro a julho, o Brasil exportou **1,77 milhão de toneladas** de carne bovina, com receitas de **US\$8,86 bilhões** – aumentos de 13,4% em volume e 30,0% em valor na comparação com o mesmo período de 2024. Trata-se do melhor desempenho já registrado para esse intervalo temporal desde o início da série histórica, em 1997.

Santa Catarina, por sua vez, exportou pouco mais de 258 toneladas de carne bovina em julho, com faturamento de US\$1,09 milhão, registrando altas de 89,2% em volume e 230,6% em receitas na comparação com julho de 2024. No acumulado do ano, o estado comercializou 1,24 mil toneladas no mercado externo, com receitas de US\$5,30 milhões, crescimentos de 28,6% em quantidade e 41,1% em valor relativamente aos sete primeiros meses do ano anterior.

Produção

Conforme dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, Santa Catarina produziu e abateu 359,4 mil cabeças de bovinos no 1º semestre de 2025¹⁰, montante **13,5% superior** ao registrado no mesmo período de 2024. No entanto, observou-se **queda de 2,5%** em relação ao semestre imediatamente anterior.

¹⁰ Os dados referentes a julho de 2025 já estão disponíveis no Observatório Agro Catarinense (www.observatorioagro.sc.gov.br). Entretanto, como se tratam de informações preliminares – passíveis de atualização no início do próximo mês –, optou-se por basear a análise exclusivamente nos dados do primeiro semestre, que já se encontram consolidados.

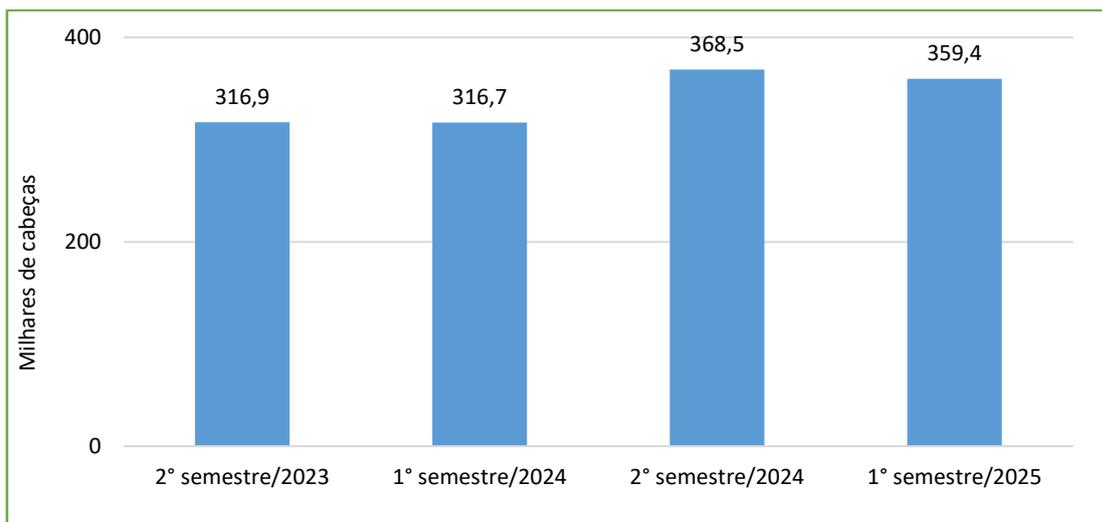


Figura 5. Bovinos – Santa Catarina: produção semestral

Fonte: Cidasc



Suínocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

De acordo com as médias do período de 1º a 13 de agosto, registraram-se variações negativas

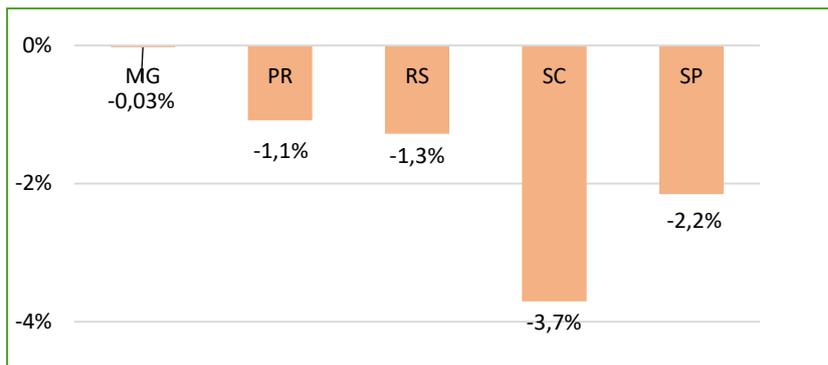


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jul./ago. 2025*)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

nos preços do suíno vivo em todos os principais estados produtores, na comparação com as médias de julho, como demonstra a Figura 1. Embora as médias desse período apresentem quedas, a análise dos preços diários revela um movimento de alta consistente, que pode resultar em variações positivas ao longo da segunda quinzena do mês.

Na comparação entre os preços preliminares deste mês e os valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), observa-se predominância de quedas na maioria dos estados analisados: -7,4% em Minas Gerais; -5,5% no Paraná; -4,7% em São Paulo e -0,5% no Rio Grande do Sul. Apenas Santa Catarina apresentou variação positiva no período, com alta de 4,3%.

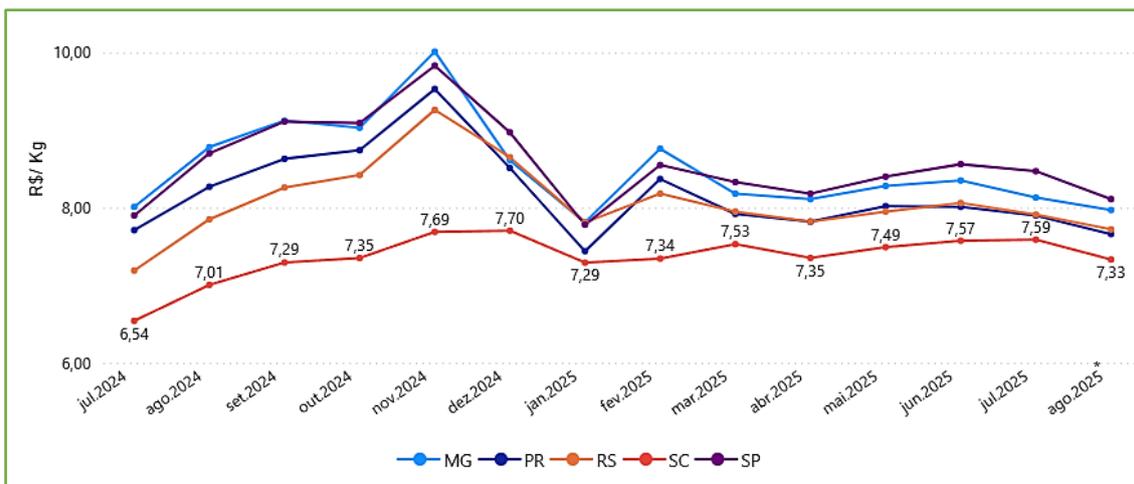


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores nominais, não corrigidos.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)



Quando se considera o tipo de vinculação com as agroindústrias, verifica-se que os produtores independentes de Santa Catarina tiveram queda mais acentuada nos primeiros dias de agosto em relação ao mês anterior: -5,4%. Já os preços pagos aos integrados apresentaram queda de 1,7% no mesmo período. Na comparação com agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), ambos os tipos de produtores registraram variações positivas, mas com índices bastante distintos: alta de 0,1% para os independentes e de 9,5% para os integrados.



Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa.

No segmento atacadista, as primeiras semanas de agosto apresentaram predominância de altas nos preços dos cortes suínos em relação ao mês anterior: costela (13,9%); lombo (3,8%); pernil (1,7%) e carrê (0,6%). Quanto à carcaça suína, não houve variação no período. Na média, os cinco cortes apresentaram alta de 4,0%.

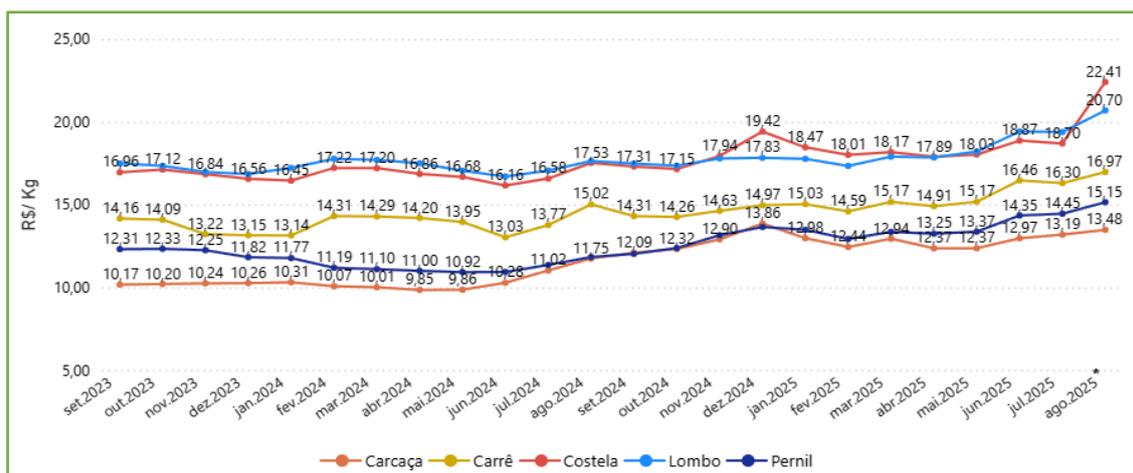


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa



Em relação aos valores de agosto de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), todos os cortes apresentaram valorizações expressivas: pernil (24,2%); costela (21,5%); lombo (14,1%); carcaça (12,2%) e carrê (9,2%). A variação média atingiu 16,3%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina atingiu **R\$6,13** por kg de peso vivo em julho, representando uma queda de 1,9% em relação ao custo apurado no mês anterior. No entanto, o valor atual ainda está 1,8% acima daquele registrado em julho de 2024 (corrigido pelo IGP-DI). Nos últimos três meses, houve quedas no custo de produção, resultando numa redução acumulada de 1,2% no ano.

Nas primeiras semanas de agosto, os preços dos leitões apresentaram leve alta em relação ao mês anterior: 0,4% para os leitões de 6kg a 10kg e 0,3% para os de aproximadamente 22kg. Na comparação com agosto de 2024 (valores corrigidos pelo IGP-DI), houve variações positivas em ambas as categorias: 10,2% para os leitões de 6kg a 10kg e de 12,4% para os leitões de cerca de 22kg.

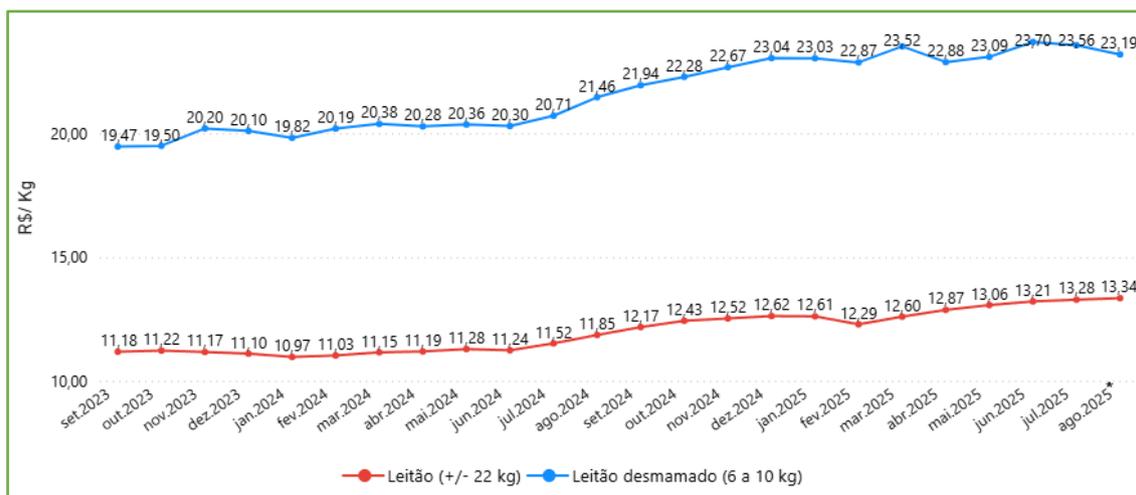


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

A relação de troca insumo-produto registrou alta de 7,0% nas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior, reflexo da redução de 3,8% no preço do suíno vivo no Oeste Catarinense e do aumento de 2,9% no preço do milho na mesma região. Apesar disso, o valor dessa relação encontra-se 10,6% abaixo do registrado em agosto de 2024. Na prática, isso significa que os produtores agora precisam de 9,3kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, contra 10,4kg necessários no mesmo período do ano passado.

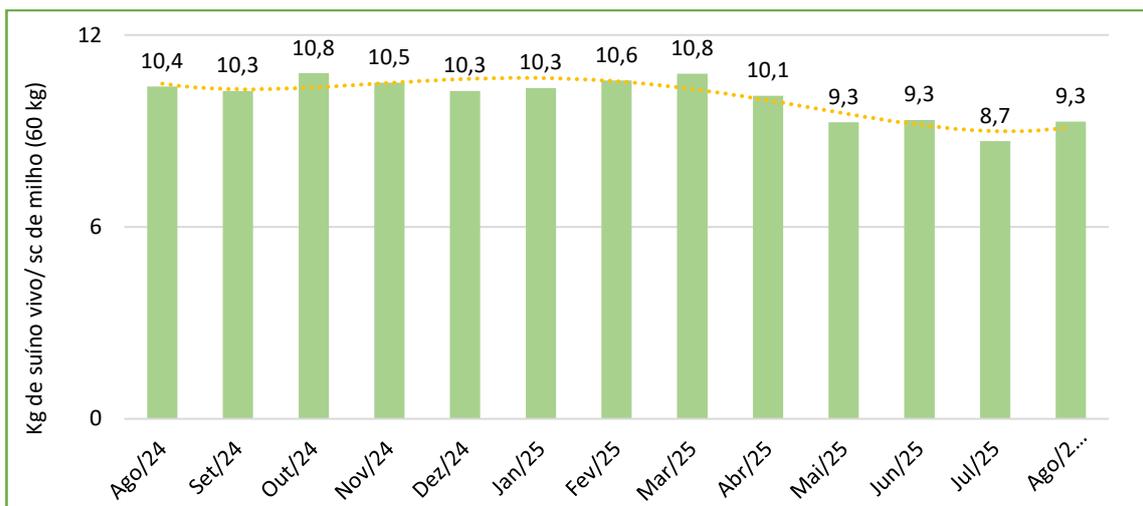


Figura 6. Suíno vivo – Região Oeste/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de troca, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

* Os valores de agosto de 2025 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou 124,9 mil toneladas de carne suína, volume que representa quedas de 7,5% em relação a junho e de 4,4% na comparação com julho de 2024. As receitas foram de US\$313,8 milhões, retração de 7,4% frente ao mês anterior, mas alta de 3,8% sobre julho do ano passado. Vale destacar que em junho deste ano foram registrados os melhores resultados mensais da série histórica, tanto em volume quanto em valor, o que ajuda a explicar as variações negativas mencionadas anteriormente.

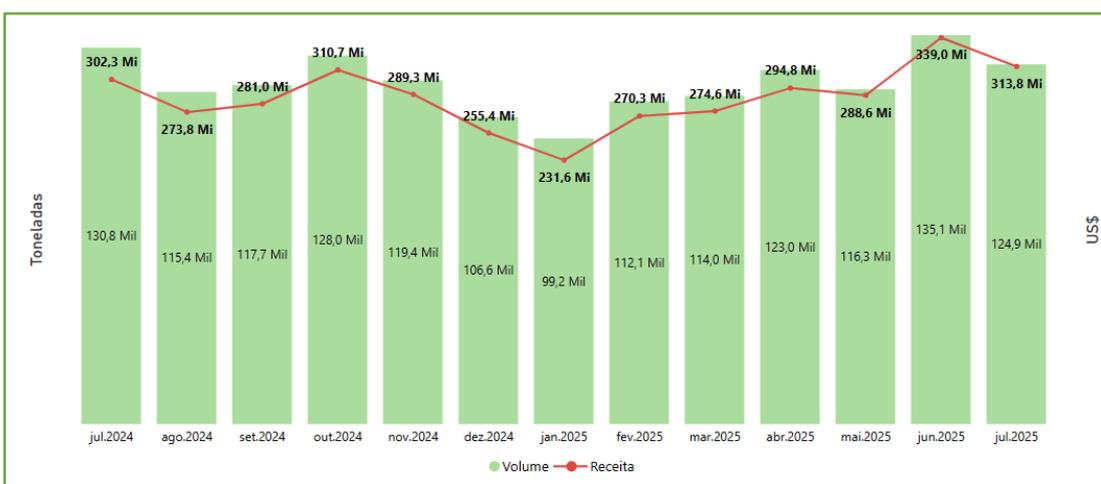


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



No acumulado de janeiro a julho, as exportações brasileiras somaram 824,6 mil toneladas, com receitas de US\$2,01 bilhões – crescimentos expressivos de 14,5% em volume e 27,2% em receitas em relação ao mesmo período de 2024. Esses valores representam o melhor resultado de toda a série histórica, iniciada em 1997, para os primeiros sete meses do ano.

Quanto aos principais destinos, as Filipinas lideraram as exportações no período de janeiro a julho, respondendo por 21,5% das receitas totais, seguidas por China (11,8%), Japão (11,0%), Chile (8,8%) e Hong Kong (8,3%).

Em julho, Santa Catarina exportou **64,4 mil toneladas** – quedas de 7,7% em relação a junho e de 11,6% na comparação com julho de 2024. As receitas totalizaram **US\$163,4 milhões** no último mês – recuos de **8,2%** frente ao mês anterior e de **6,6%** em relação ao mesmo período do ano passado. Embora com variações negativas, esses resultados não representam um desempenho ruim, considerando que junho registrou o melhor resultado em receitas e o segundo melhor em volume da série histórica, enquanto julho de 2024 teve o maior volume mensal já exportado pelo estado e o segundo melhor resultado em receitas.

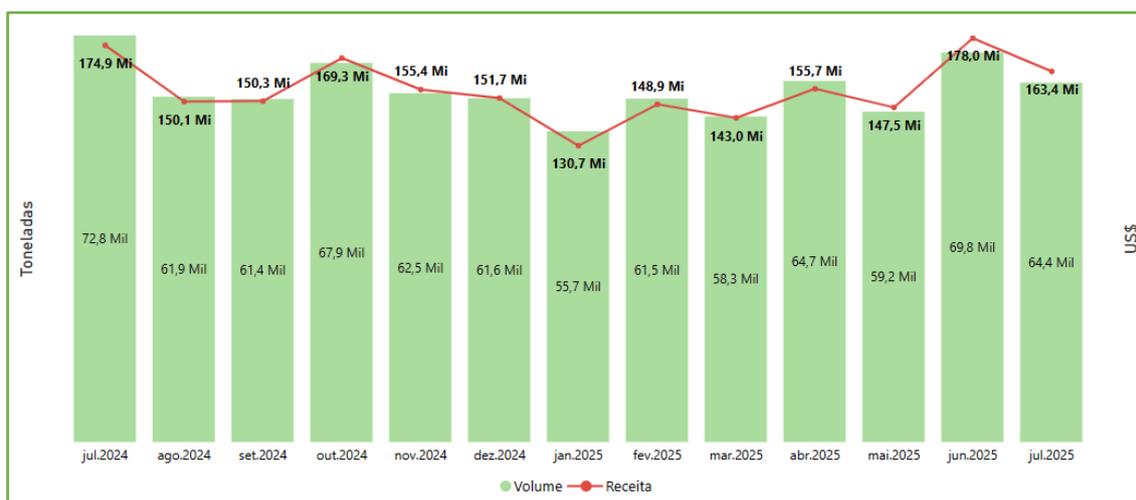


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina atingiu **US\$2.631,72** por tonelada em julho – praticamente estável em relação ao mês anterior (variação de apenas 0,05%). Na comparação com julho do ano passado, registra-se alta de 6,2%.

No acumulado de janeiro a julho, Santa Catarina exportou **433,5 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,07 bilhão**, altas de **7,3%** e **16,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2024. Trata-se do melhor resultado da série histórica para os primeiros sete meses do ano, tanto em receitas quanto em quantidade.

Os principais destinos da carne suína catarinense neste ano foram Japão (20,8% das receitas), Filipinas (18,4%) e China (17,6%). O Japão apresentou crescimentos expressivos: 32,0% em quantidade e 40,3% em receitas, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Já as Filipinas tiveram queda (-13,0% em quantidade e -12,0% em receitas), enquanto a China registrou aumento de 5,1% nas receitas, mas teve queda de 0,2% em quantidade.



Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a jul./2025

País	Valor (US\$)	Participação %	Quantidade (t)	Participação %
Japão	222.262.386,00	20,8	64.514	14,9
Filipinas	196.381.244,00	18,4	87.072	20,1
China	187.738.671,00	17,6	89.636	20,7
Chile	109.310.580,00	10,2	43.898	10,1
México	87.969.445,00	8,2	36.778	8,5
Demais países	263.606.706,00	24,7	111.675	25,8
Total	1.067.269.032,00	100	433.573	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por **51,5%** do volume e **52,1%** das receitas das exportações brasileiras de carne suína deste ano.

Produção

Dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, indicam que Santa Catarina abateu **9,14 milhões** de suínos¹¹ no 1º semestre¹², crescimento de 1,7% sobre o semestre imediatamente anterior e de 1,8% na comparação com igual período de 2024.

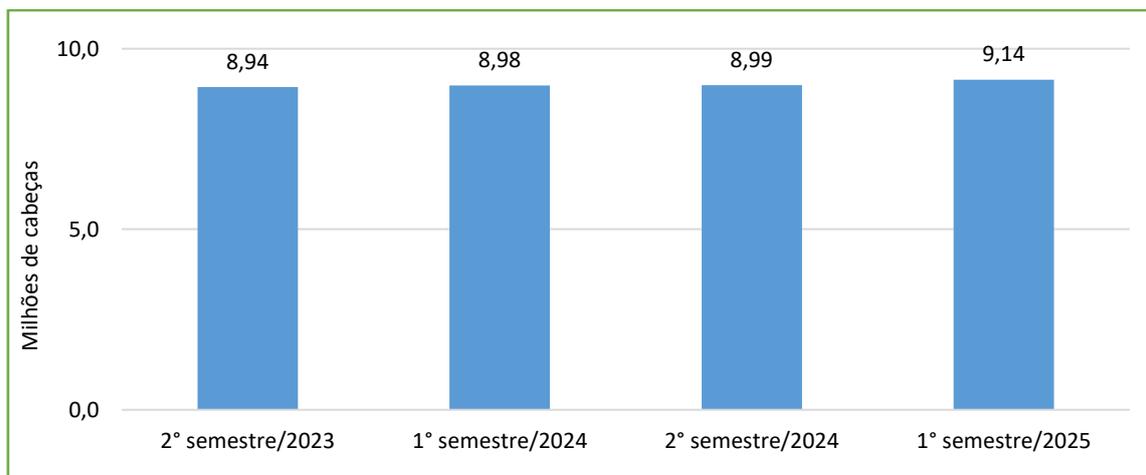


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção semestral

Fonte: Comex Stat

¹¹ Desse total, 89,4% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.

¹² Os dados referentes a julho de 2025 já estão disponíveis no Observatório Agro Catarinense (www.observatorioagro.sc.gov.br). Entretanto, como se tratam de informações preliminares – passíveis de atualização no início do próximo mês –, optou-se por basear a análise exclusivamente nos dados do primeiro semestre, que já se encontram consolidados.



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

Relações comerciais lácteas entre Brasil e EUA

Em 30 de julho de 2025, o presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, assinou um decreto que impõe uma sobretaxa de 40% sobre a importação de produtos brasileiros. Somada à tarifa de importação já vigente de 10%, a alíquota total sobre determinados itens atinge 50%. Embora alguns produtos tenham sido excluídos da medida, os lácteos não estão entre eles.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão: quais os possíveis impactos dessa medida sobre o setor lácteo brasileiro? Uma análise dos dados de exportação indica que os efeitos diretos tendem a ser limitados. Apesar de os EUA terem sido, no acumulado dos últimos cinco anos, o terceiro principal destino das exportações brasileiras de lácteos, concentrando 15,41% do total exportado em 2023, esse volume representa menos de 1% da captação nacional de leite (tabela 1). Sendo assim, a elevação tarifária não compromete de forma relevante a sustentabilidade econômica do setor no Brasil. No entanto, o redirecionamento do excedente exportado poderá exigir maior absorção pelo mercado interno ou a intensificação de parcerias comerciais com mercados estratégicos, como Cuba, Chile e Venezuela.

No contexto da taxa, os estados potencialmente mais suscetíveis aos efeitos da nova tarifa são Minas Gerais e São Paulo, que concentraram, respectivamente, 64% e 25% do volume de lácteos exportados pelo Brasil aos Estados Unidos, no período analisado. Entre os produtos exportados, os mais suscetíveis à nova tarifação são os queijos e o leite condensado, que responderam, no período de 2021 a 2024, por 58% e 27%, respectivamente, do total de lácteos enviados aos Estados Unidos.

Tabela 1. Leite – Exportações brasileiras de lácteos para os EUA

Variável	2020	2021	2022	2023	2024
Exportações de lácteos do Brasil (em mil litros)	87.363,6	116.906,6	107.657,6	61.297,4	76.225,4
Exportações de lácteos do Brasil para os EUA (em mil litros)	5.877,3	6.360,6	7.240,1	9.446,8	10.388,9
Participação dos EUA nas exportações de lácteos do Brasil	6,73%	5,44%	6,73%	15,41%	13,63%
Captação de leite do Brasil (mil litros)	25.641.262,0	25.121.800,0	23.918.221,0	24.605.599,0	25.366.095,0
Participação das exportações de lácteos de SC para os EUA sobre a captação de leite	0,02%	0,03%	0,03%	0,04%	0,04%

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025



Relações comerciais lácteas entre Santa Catarina e EUA

Para Santa Catarina, a análise segue a mesma linha do cenário nacional. Embora os Estados Unidos ocupem a terceira posição entre os principais destinos das exportações de lácteos catarinenses, o volume destinado ao mercado norte-americano corresponde a menos de 0,01% da captação total de leite no estado (tabela 2). Com isso, os impactos diretos da nova tarifa sobre a economia do setor lácteo catarinense tendem a ser desprezíveis. Ainda assim, será necessário realocar o volume exportado, redirecionando-o para o mercado interno ou mercados já consolidados e que têm se mostrado mais relevantes em termos comerciais no setor lácteo, como São Vicente e Granadinas, Argentina e Venezuela.

No caso de Santa Catarina, o principal produto exportado aos Estados Unidos é o queijo, que representa cerca de 99% do volume destinado a esse mercado. Por isso, eventuais efeitos da tarifação incidirão majoritariamente sobre esse item.

Tabela 2. Leite – Exportações catarinenses de lácteos para os EUA

Variável	2020	2021	2022	2023	2024
Exportações de lácteos de SC (mil litros)	1.152,61	3.076,56	2.327,77	2.311,92	727,88
Exportações para EUA (mil litros)	233,98	186,90	137,41	116,64	108,77
Participação dos EUA nas Exportações de SC	20%	6%	6%	5%	15%
Captação de SC (mil litros)	2.892.296,00	2.945.989,00	2.986.201,00	3.201.568,00	3.294.848,00
Participação das Exportações de SC para os EUA na captação de leite de SC	0,01%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em julho de 2025, o Brasil exportou 3,1 mil toneladas de produtos lácteos (figura 1), volume 19,2% maior ao registrado em junho (2,6 mil toneladas) e 8,8% menor em relação a julho de 2024 (3,4 mil toneladas). Em termos de receita, as exportações somaram 7,5 milhões de dólares (valor FOB), o que representa um aumento de 15,4% em comparação a junho de 2025 (6,5 milhões de dólares), e uma queda de 25,7% frente a julho de 2024, a preços correntes daquele ano (10,1 milhões de dólares).

Em julho, entre os principais produtos lácteos exportados pelo Brasil, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se leite condensado (41% do total exportado), queijo (23%) e creme de leite (16%). Os principais destinos dessas exportações foram os Estados Unidos (20%), Uruguai (11%) e Chile (11%).

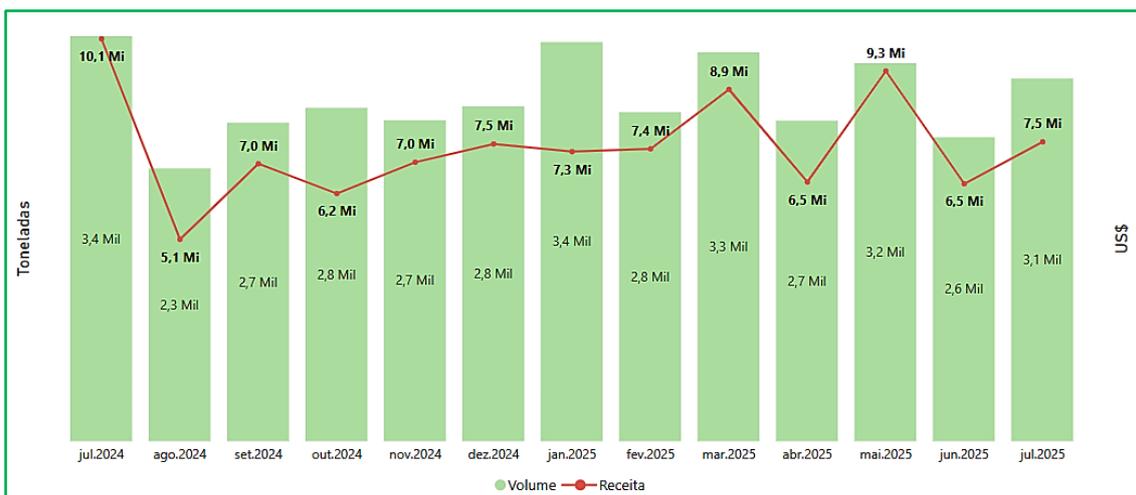


Figura 1. Leite – Brasil: evolução das exportações mensais – (jul./2024 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025

No mesmo período, o Brasil importou 20,5 mil toneladas de lácteos (figura 2), o que representa um aumento de 9% em relação a junho de 2025 (18,8 mil toneladas) e uma queda de 29% frente a julho de 2024 (28,9 mil toneladas). O valor das importações foi de 84 milhões de dólares (valor FOB), com aumento de 6,3% em relação a junho de 2025 (79 milhões de dólares) e queda de 23,63% na comparação com julho de 2024 (110 milhões de dólares).

Os principais produtos importados no mês de julho foram leite em pó (68%), queijos (21%) e soro de leite (7%), originários da Argentina (70%), Uruguai (20%) e Chile (3%).

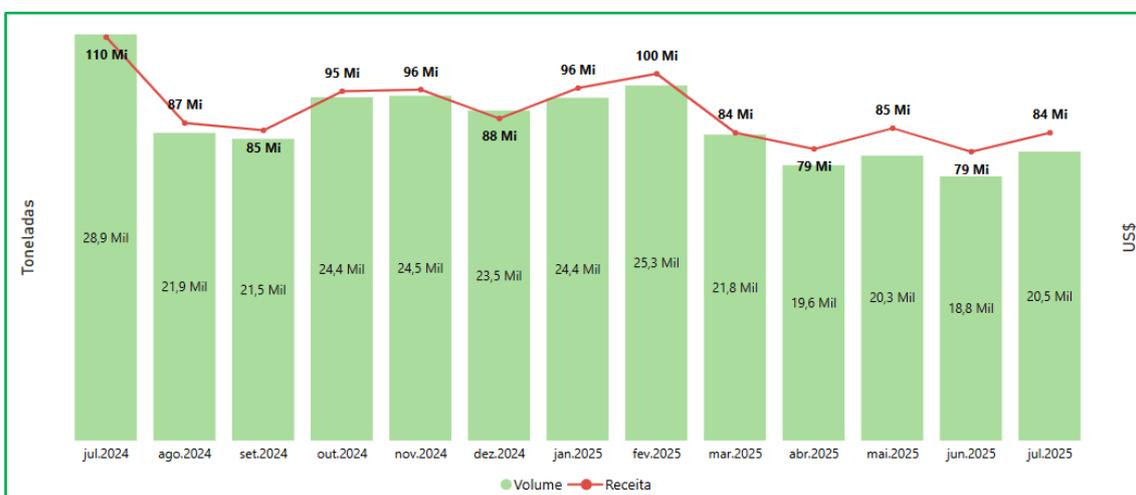


Figura 2. Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (jul./2024 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em julho de 2025, um déficit de 17,4 mil toneladas. Esse volume foi 7,4% maior ao de junho (16,2 mil toneladas). Na comparação com julho de 2024, quando o déficit foi de 25,5 mil toneladas, houve uma queda de 31,7%, impulsionada principalmente pela queda das importações.



Balança Comercial Láctea Catarinense

Em julho de 2025, o estado de Santa Catarina exportou 45 toneladas de produtos lácteos (figura 3). Esse volume representa uma queda de 52% em relação a junho de 2025 (95 toneladas), porém um aumento de 275 % em relação ao registrado em julho de 2024 (12 toneladas).

Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 80 mil dólares (valor FOB), uma queda de 80% em comparação a junho (400 mil dólares), porém um aumento de 60% em relação ao mesmo mês do ano anterior (50 mil dólares).

Os principais itens exportados foram leite condensado (67%), leite fluído (18%) e queijos (8%). Os principais destinos das exportações foram Chile (66%), Uruguai (13%) e Libéria (4%), conforme dados do Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex).

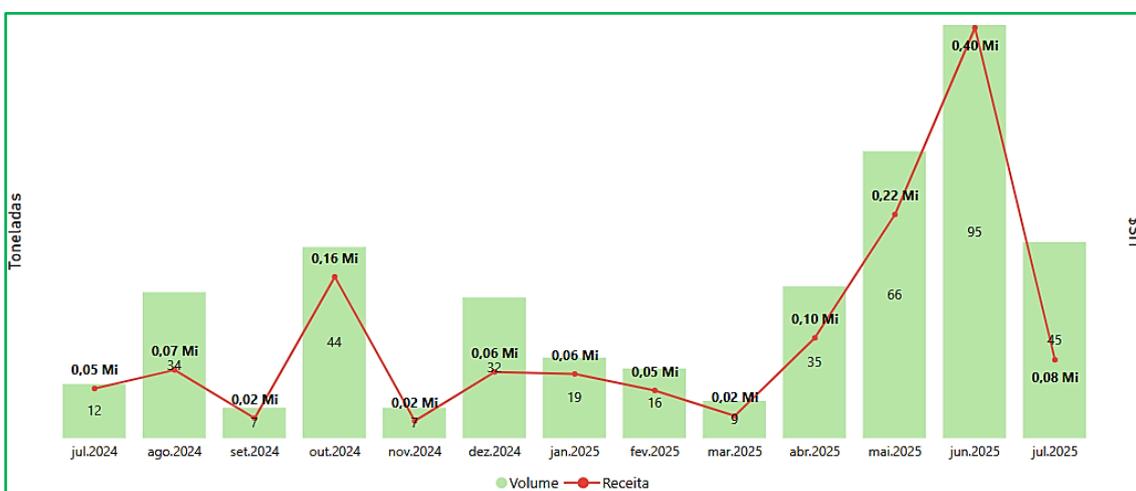


Figura 3. Leite – SC: evolução das exportações mensais – (jul./2024 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025

No mês de julho de 2025, as importações de produtos lácteos por Santa Catarina totalizaram 636 toneladas (figura 4), representando um aumento de 7,6% em relação a junho (591 toneladas) e uma queda expressiva de 86,5% frente a julho de 2024 (4.698 toneladas).

A receita das importações foi de 2,9 milhões de dólares (valor FOB), mesmo valor de junho de 2025. Esse valor representa uma queda de 84,6% em relação a julho de 2024 (18,9 milhões de dólares).

Os principais produtos importados foram queijos (54%), leite em pó (28%) e soro de leite (12%), originários da Argentina (78%) e do Uruguai (21%).

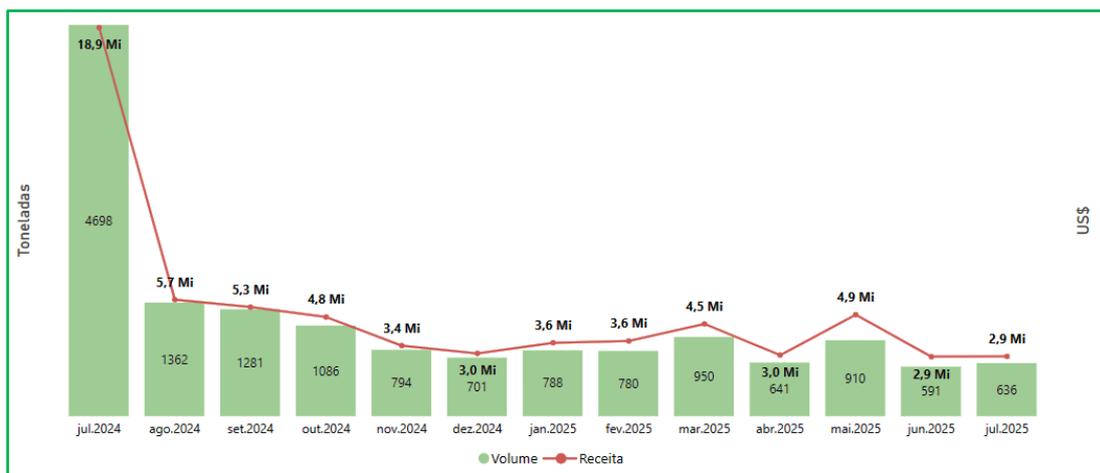


Figura 4. Leite – SC: evolução das importações mensais – (jul./2024 a jul./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, agosto/2025

A balança comercial catarinense de produtos lácteos em julho de 2025 apresentou um déficit de 591 toneladas, um aumento de 19,2% em relação ao mês anterior (496 toneladas). Na comparação com julho de 2024, quando o déficit foi de 4.686 toneladas, observa-se uma melhora significativa, com queda de 87% no saldo negativo.

Preços do leite e derivados

Comparação de preços entre Santa Catarina, Argentina e Uruguai

Considerando que quase a totalidade dos lácteos importados por Santa Catarina tem origem na Argentina e no Uruguai, torna-se relevante analisar a diferença de preços praticados entre o estado e esses países.

A partir de abril de 2025, observa-se que o preço pago ao produtor de leite em Santa Catarina manteve-se estável em US\$0,48/litro até maio, recuando levemente para US\$0,47/litro em junho. Na Argentina, o valor caiu de US\$0,41/litro em abril e maio para US\$0,40/litro em junho, enquanto que no Uruguai houve queda entre abril e maio, de US\$0,43/litro para US\$0,42/litro, e aumento entre maio e junho (US\$0,44/litro) superando o preço de abril em US\$0,01/litro (figura 5).

A diferença entre os preços de Santa Catarina e da Argentina manteve-se em US\$0,07/litro entre abril e junho, evidenciando necessidade na melhoria da competitividade do produto catarinense frente ao produto argentino. Já em relação ao Uruguai, a diferença diminuiu de US\$0,05/litro em abril para US\$0,03/litro em junho, refletindo a elevação mais expressiva do preço uruguaio.

No gráfico, nota-se que, apesar da relativa estabilidade do preço catarinense no trimestre, os valores pagos no Uruguai tem se aproximado dos de Santa Catarina, enquanto que os preços argentinos têm sido mais baixos e com tendência de queda no final do período.

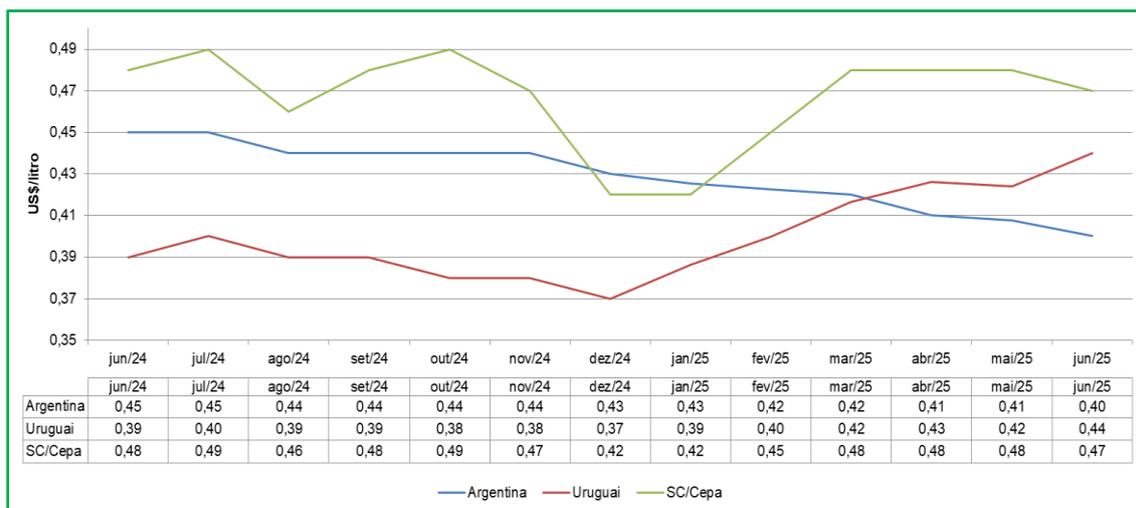


Figura 5. Preços pago ao produtor na Argentina, Uruguai e Santa Catarina

Preços (em dólares) da Argentina, Uruguai e SC (calculado pela Epagri/Cepa para as praças do Meio Oeste, Oeste, Litoral Sul e Extremo Oeste).

Fonte: Magyp, Inale, Epagri/Cepa (agosto/2025)

Preços de referência do Conseleite e Preços Epagri/Cepa

No dia 25 de julho, o Conseleite/SC realizou sua sétima reunião de 2025, em formato on-line, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de junho, além de projetar os valores para julho. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R\$2,5313/litro e R\$2,5315/litro, o que representa estabilidade, com leve variação positiva de R\$0,0002/litro.

Para julho de 2025, a Epagri/Cepa estimou o preço médio mais comum pago ao produtor em 2,56/litro, uma redução nominal de R\$0,03 por litro em relação ao valor de R\$2,59/litro registrado em junho. Para os primeiros dias de agosto, a estimativa parcial para o preço pago pelo litro de leite ao produtor foi de R\$2,53, uma queda de R\$0,03/litro.

Em termos reais, a queda entre o preço de junho (R\$2,59/litro) e o preço parcial de agosto (R\$2,53/litro) foi de aproximadamente R\$0,06 /litro, o que representa uma variação negativa de 2,3% (figura 6). Apesar da queda real nos preços pagos aos produtores de leite, a média dos oito primeiros meses do ano de 2025 (R\$2,58/litro) supera a média do mesmo período do ano de 2024 em R\$0,10/litro (R\$2,48/litro), (figura 6).

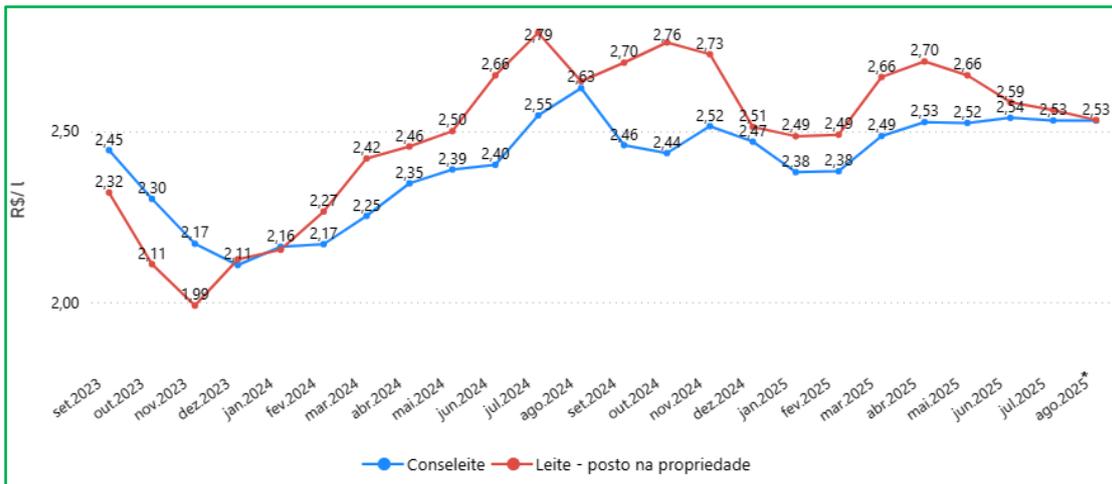


Figura 6. Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Preços dos derivados do leite

Entre junho e julho de 2025, o preço médio do leite longa vida (UHT), no atacado, apresentou um aumento real de R\$ 0,06 por litro, passando de R\$4,44 para R\$4,50 por litro. De julho para os primeiros dias de agosto, houve uma queda real de R\$0,03/litro, chegando a R\$4,47/litro (figura 7).

Para o queijo mussarela, os preços médios no atacado, por quilograma do produto, registraram queda e aumento nos últimos três meses, saindo de R\$32,15/kg em junho, caindo para R\$31,78/kg e, em seguida, subindo para R\$32,45/kg nos primeiros dias de agosto. O aumento acumulado no período foi de R\$0,30 por quilo, o que corresponde a uma variação de 0,9% (figura 8).

No caso do queijo prato, os preços médios no atacado, por quilograma do produto, registraram aumentos consecutivos nos últimos dois meses: R\$33,06/kg em junho, R\$33,22/kg em julho e R\$33,46/kg nos primeiros dias de agosto, um aumento acumulado de 1,2% (figura 8).

Em relação ao leite em pó, observa-se um leve aumento nos últimos meses (figura 8). Em junho, o preço do kg do leite em pó foi de R\$30,65, subindo para R\$30,67 em julho e subindo novamente para R\$31,26 nos primeiros dias de agosto, um aumento acumulado da ordem de R\$0,61/kg, o que representa uma variação de 2%.



Figura 7. Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

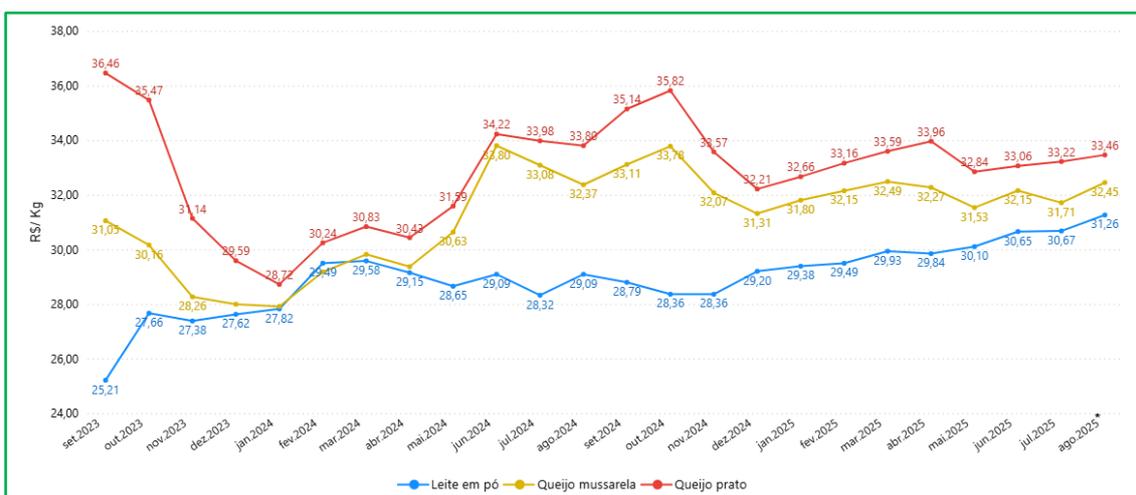


Figura 8. Produtos Lácteos – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (set./2023 a ago./2025*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025

Varição dos preços por praça

Em julho de 2025, três das praças analisadas registraram queda no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite, em relação a junho (tabela 3). A maior variação negativa foi observada na Grande Florianópolis, representando recuo de 7,14%, passando de R\$2,80 para R\$2,60 por litro. O Meio Oeste registrou queda de 1,98% (de R\$2,52 para R\$2,47) e o Extremo Oeste de 3,07%, enquanto Litoral Sul e Oeste mantiveram estabilidade no período, em R\$2,57 e R\$2,56 por litro, respectivamente. Já o Litoral Norte foi a única praça com aumento, passando de R\$2,62 para R\$2,81 por litro, um aumento de 7,25%.

Na comparação com julho de 2024, todas as regiões apresentaram retração nos preços pagos ao produtor, com exceção do Litoral Norte, que apresentou aumento de 8,9%. As maiores



quedas ocorreram no Meio Oeste (-11,78%) e no Litoral Sul (-10,45%), enquanto o Extremo Oeste e Oeste apresentaram variação negativa de 7,69% e 7,24%, respectivamente.

Tabela 3. Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Jun./25 (R\$)	Jul./25 (R\$)	Variação mensal (%)	Jul./24 (R\$)	Variação anual (%)
Grande Florianópolis	2,80	2,60	-7,14	-	-
Extremo Oeste	2,60	2,52	-3,07	2,73	-7,69
Litoral Norte	2,62	2,81	7,25	2,58	8,9
Litoral Sul	2,57	2,57	0	2,87	-10,45
Meio Oeste	2,52	2,47	-1,98	2,8	-11,78
Oeste	2,56	2,56	0	2,76	-7,24

Preço mais comum corrigido pelo IGP DI.

Obs.: Em razão da coleta dos preços ocorrerem no início do mês, não foi possível apresentar os preços e variações para todas as praças. Ao longo do mês de agosto todos os preços estarão disponíveis no site da Epagri/Cepa.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2025



Epagri **CEPA**
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola